

Clóvis Moura



SACCO E VANZETTI O PROTESTO BRASILEIRO

2ª Edição



Ação Comunal



Fundação Clóvis Moura

https://cdm.grabois.org.br/pcdob-documentos/sacco-e-vanzetti-o-protesto-brasileiro-de-clovis-moura/?perpage=96&order=ASC&orderby=date&pos=22&source_list=collection&ref=%2Fpcdob-documentos%2F

Clóvis Moura

SACCO E VANZETTI: O PROTESTO BRASILEIRO

2ª Edição

(Revisada e ampliada)



São Paulo
2017

SACCO E VANZETTI: O PROTESTO BRASILEIRO

Coordenação Editorial

Augusto César Buonicore
Fernando Garcia de Faria

Preparação e Revisão de Textos

Maria Lucília Ruy

Projeto gráfico, capa e diagramação

Laércio D'Angelo

Secretaria Editorial

Zandra de Fátima Baptista

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M929s Moura, Clóvis, 1925-
Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro / Clóvis Moura –
2.ed. rev. e ampl. – São Paulo : Anita Garibaldi; Fundação
Maurício Graboys, 2017.
142 p.
Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>.
ISBN 978-85-7277-183-2
1. Anarquismo – Brasil. 2. Trabalhadores – Brasil –
Atividade política. 3. Anarquismo – História – Itália.
4. Nicola Sacco – Anarquista italiano. 5. Bartolomeu Vanzetti
– Anarquista italiano. I. Título.

CDU 329.285(091)

CDD 322.20981

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB9/1250



Editora e Livraria Anita Ltda.

Rua Amaral Gurgel, 437 – Vila Buarque
São Paulo – SP – CEP 01221-001
Tel.: (11) 3129-3438
www.anitagaribaldi.com.br
livraria@anitagaribaldi.com.br



Fundação Maurício Graboys

Rua Rego Freitas, 192 – Sobreloja – Centro
São Paulo – SP – CEP 01220-010
Tel.: (11) 3337-1578
<http://www.graboys.org.br/>
fmg@graboys.org.br



Fundação Maurício Grabois

Presidente

José Renato Rabelo

Secretário-Geral

Adalberto Alves Monteiro

Diretor Administrativo e Financeiro

Leocir Costa Rosa

Diretora de Formação

Nereide Saviani

Diretor de Comunicação e Publicações

Fábio Palácio de Azevedo

Diretor de Temas Ecológicos e Ambientais

Luciano Rezende Moreira

Diretor de Políticas Públicas

Rubens Diniz Tavares

Diretor de Cultura

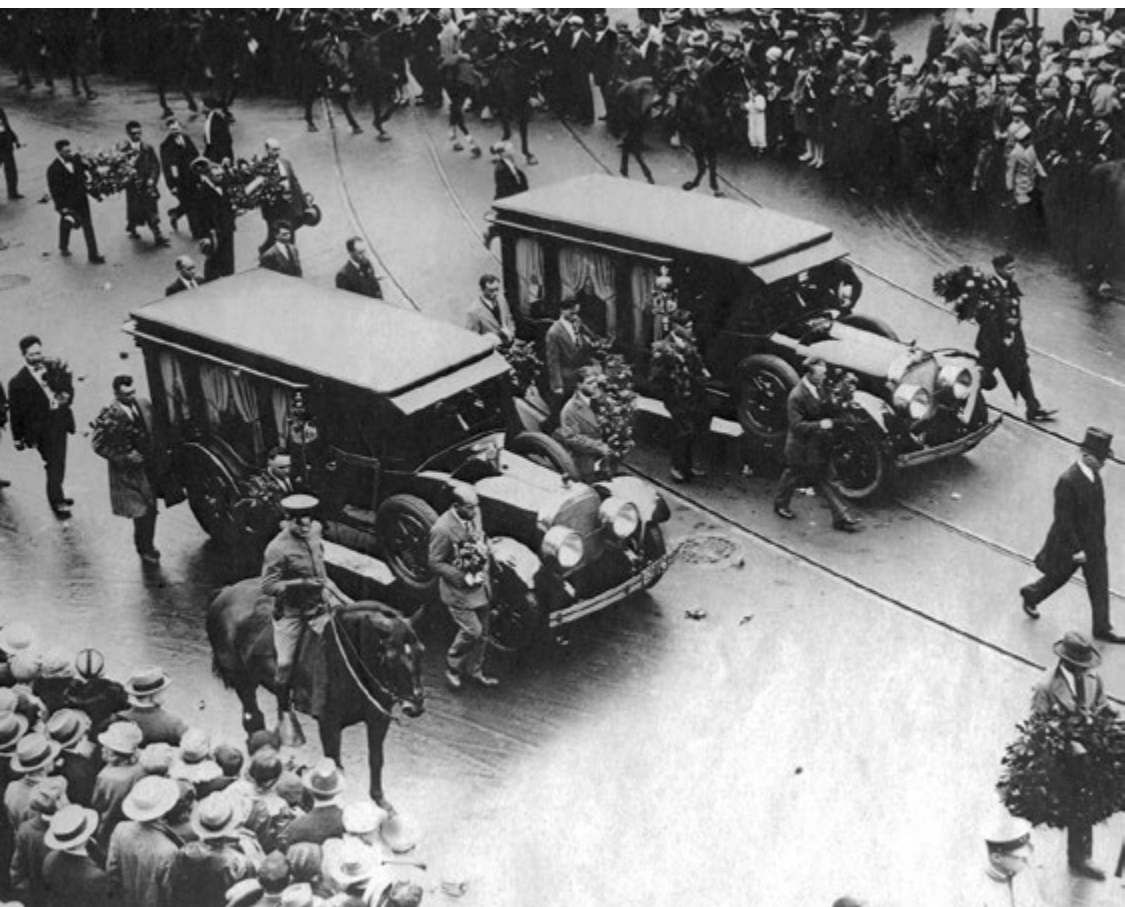
Francisco Ulpiano Javier Alfaya Rodriguez

Diretor de Estudos e Pesquisa

Aloísio Sergio Rocha Barroso







Agradecemos à Soraya Moura, filha do autor, pelo apoio decisivo que prestou a esta 2ª edição de *Sacco e Vanzetti – o protesto brasileiro*.

Os editores.



SUMÁRIO

Uma página esquecida da história dos trabalhadores Augusto C. Buonicore	9
Prefácio Abguar Bastos	13
Nota explicativa	17
Biografia do crime	21
A solidariedade proletária	47
O crime no parlamento	63
Clamor das manchetes	69
Apêndice: O condenado acusa os juízes	97
Apêndice 01: Movimento Comunista.....	111
Nota biográfica do autor.....	115
Caderno de imagens	117

Uma página esquecida da história dos trabalhadores

Por Augusto C. Buonicore *

Em 23 de agosto de 1927 ocorriam as execuções dos anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Este foi mais um crime cometido pelos governantes estadunidenses. Logo após as condenações à morte, ocorridas seis anos antes, a Internacional Comunista conclamou à constituição de uma frente operária mundial em defesa daquelas duas vítimas da reação capitalista. À campanha internacionalista se incorporariam anarquistas, socialistas, comunistas e mesmo liberais progressistas.

O Partido Comunista da França (PCF), por exemplo, organizou uma grande manifestação em frente à embaixada dos Estados Unidos. Foram necessários 10 mil policiais e 18 mil soldados para deter a multidão indignada. Protestos massivos ocorreram na Itália, Suíça, Holanda, Espanha, em Portugal, Inglaterra, México, Chile, Argentina e Panamá. Até nas distantes Índia e China foram realizados atos pú-



blicos contra a decisão de uma “justiça” a serviço do capital. No Brasil as coisas não podiam ser diferentes.

O livro do historiador Clóvis Moura, agora relançado no formato de e-book pela Fundação Maurício Grabois e a editora Anita Garibaldi, narra um pouco a história daquela farsa judicial e da luta dos trabalhadores, especialmente do Brasil, procurando impedir o cumprimento das sentenças de morte contra Sacco e Vanzetti.

Entre nós, logo após as infames execuções, ocorreram inúmeros e violentos protestos. Segundo Moura: “Na Lapa houve conflitos sérios entre trabalhadores e policiais (...). No Ipiranga esses conflitos se repetiram: em frente à Fábrica de Nami Jafet um piquete convidava os colegas a participarem da greve e do comício em solidariedade. A diretoria da empresa, no entanto, chamou a polícia que efetuou várias prisões. Entre os presos estavam três jovens operárias (...). Na estamperia Liberty, na rua Piratininga, a polícia agiu com violência (...). Às onze horas foram pedidos reforços para as fábricas Matarazzo, na Água Branca, e Crespi, na Mooca.”. Greves e manifestações ocorreram também no Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros.

A primeira versão deste livro foi produzida pela Editora Brasil Debates no emblemático ano de 1979. Na apresentação, elaborada para aquela edição, o autor expressava o seu estranhamento em relação ao véu de esquecimento que havia caído sobre a campanha em defesa de Sacco e Vanzetti – um fenômeno que já podia ser constatado poucos anos após a ocorrência daqueles trágicos episódios. A sua memória passou a ser cultivada apenas por pequenos círculos de militantes anarquistas. Era a esta injustiça que o autor pretendia colocar um fim através do seu trabalho.

Clóvis Moura resgatava um dos acontecimentos mais significativos da história da resistência dos trabalhadores no século 20 justamente num momento em que a classe operária brasileira passava a ter protagonismo na cena política e colocava a ditadura militar na



defensiva. Vivíamos em meio às grandes greves dos metalúrgicos no ABC paulista, dirigidas por Lula.

Passados 90 anos da morte dos dois anarquistas e quase quatro décadas da primeira publicação de *Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro*, a tarefa de resgatar a memória de todos aqueles que lutaram por direitos e por justiça continua tendo uma dramática atualidade.

* Augusto Buonicore é historiador, presidente do Conselho Curador da Fundação Maurício Grabois. E autor dos livros *Marxismo, história e revolução brasileira: encontros e desencontros*; *Meu verbo é lutar: a vida e o pensamento de João Amazonas*; e *Linhas Vermelhas: marxismo e dilemas da revolução*. Todos publicados pela Fundação Maurício Grabois e a Editora Anita Garibaldi.



PREFÁCIO*

ABGUAR BASTOS

Clóvis Moura é um escritor sempre voltado para os temas através dos quais se vislumbram injustiças, discriminações, espoliações ou atitudes patrióticas dignas da homenagem histórica.

Escreveu *Retrato de Luiz Gama, Euclides da Cunha e a Realidade Nacional, Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha, Rebeliões da Senzala*, sem falar em contribuições jornalísticas dentro da mesma linha de humanismo consciente.

Volta com *Sacco e Vanzetti: o protesto brasileiro*, isto é, conta como reagiram os democratas brasileiros à farsa da condenação desses dois operários italianos que, praticando a ideologia que na época era a que lutava contra a exploração do homem pelo homem, foram colhidos pela justiça não por atos subversivos, mas acusados de crime comum não cometido, numa época dura em que a pobreza, para alimentar-se, só tinha o conforto das latas de lixo.

Cabe ao autor relatar os fatos. Cabe a nós, leitores, ressaltar o hábito de serem punidas por crimes diferenciados, não cometidos, pessoas que não podem ser condenadas por sua maneira de pensar,



só porque essa indicação de procedimento moral é politicamente contrária às regras formais do *status* político vigente.

No caso Dreifuss, era um judeu e a máquina opressora jesuítica não o perdoou. No caso dos Rosemberg, tinham ideias que não confraternizavam com as injustiças sociais e por isso foram condenados como espões a favor da URSS. No caso Sacco-Vanzetti, eram anarquistas, eram operários e desempregados: foram eletrocutados por suas ideias, e não pelo crime de latrocínio não cometido, provavelmente não cometido.

Armado um gigantesco cenário de coações imundas, o que se condenava já não eram mais dois italianos pobres, mas o próprio anarquismo como ideologia e doutrina de nações sem classe. A sociedade quis provar que os anarquistas eram ladrões e assassinos... Lembramo-nos da história de um juiz que baixou uma ordem mais ou menos assim: “Se virem por aí algum homem malvestido, sapato cambaio, colarinho encardido, cabeludo e barbudo, prendam-no: ou é ladrão ou anarquista.”.

Eis ao que leva a sanha contra o direito pensante, contra o dever de lutar pela vida melhor dos povos.

O pretexto é o mesmo: laçar a caça pelo que não fez, mas pelo que pode fazer. Nietzsche, no *Zaratustra*, faz com que o Super-Homem milagroso se negue a tirar a corcunda de um infeliz e nega-o dizendo: “Se te tirar a corcunda vais ser conquistador de mulheres.”.

A lei do bode expiatório é eterna. Cristo foi crucificado entre ladrões, não por suas ideias pacíficas, mas porque passava a representar um perigo ao prestígio dos sacerdotes. Não puderam condená-lo por crime comum, condenaram-no por blasfemar. Velhos tempos, novos tempos, ideias iguais nos julgamentos que partem dos poderosos.

Clóvis Moura é escritor que sabe até onde a violência pode chegar quando os dominadores são contrariados. Se dizem: sejam dos



nossos, querem dizer: pensem como pensamos.

Neste trabalho há que se destacar três coisas: uma é que as verdades não morrem; outra é que o Brasil sempre se manifestou contra as atitudes que confromgem os direitos humanos; e ainda outra é que os sacrifícios dos inocentes, como o de Cristo, de Tiradentes, de Spártaco, de Gandhi, de Mossadeg, de Lumumba, não sucumbem no tempo: florescem cada vez mais como aviso e sinal de que se o tempo aniquila por maldade, o tempo seguinte ressuscita com grandeza.

Clóvis Moura faz história com inteligência e lucidez; procura os fatos na sua crueza e os atos na sua legitimidade; faz a história dos heróis que não o queriam ser pela própria humildade de suas vidas. Mas os homens maus os fizeram gloriosos pela própria sanha com que os consumiram.

Leiam este livro. Ele é espelho, verdade, anátema, força viva das consciências bem formadas.

Com livros assim os homens sensatos e dignos escreveram, ao correr dos séculos, a epopeia dos injustiçados.

* Prefacio de Abguar Bastos para a 1ª edição de *Sacco e Vanzetti: O protesto Brasileiro*



NOTA EXPLICATIVA

O presente trabalho lembra a repercussão que teve no Brasil um crime político célebre: a execução de Sacco e Vanzetti. Os dois trabalhadores italianos, anarquistas, foram presos em 1920 e o processo se desenrolou por sete anos. No Brasil o anarquismo dominava o movimento operário, mas já entrava em declínio, depois de travar séria batalha ideológica com a corrente marxista. A Revolução Russa, inicialmente apoiada pelos anarquistas, passa a ser atacada a partir de 1919, pois a intelectualidade anarquista não entendia as medidas políticas de Lênin e do poder soviético.

Ofato, como o leitor pode notar, pegou o movimento operário brasileiro em plena efervescência ideológica: de um lado, os marxistas – quase todos ex-anarquistas –, de outro, os anarquistas e anarcossindicalistas. Procuraremos mostrar como o proletariado brasileiro reagiu, lutando para salvar os dois anarquistas da cadeira elétrica, apesar das divergências teóricas que os separavam. Com um operariado composto em grande parte de italianos (pelo menos na capital de São Paulo), a luta para libertar Sacco e Vanzetti tinha também a influenciar a situação nacional dos dois.

Os jornais anarquistas, como *A Plebe*, mostram muito bem como essa luta vai ganhando terreno à medida que o tempo passa, para se transformar em um amplo movimento de massas, embora desorganizadas, às vésperas da



execução. Não foi um movimento sentimental, mas uma tomada de posição anti-imperialista, consciente, de amplas camadas da população, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo. Desde o manifesto lançado em 1922, quando a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro encerra o primeiro ciclo de comícios, até o dia da execução, a campanha vai num crescendo, galvanizando os trabalhadores, os intelectuais esquerdistas e liberais de um modo geral.

Para executar este trabalho, usamos os recursos de que dispúnhamos: os jornais do tempo, panfletos ainda existentes e o depoimento de alguns participantes. É, portanto, a primeira aproximação sobre um assunto que requer pesquisas muito mais profundas, na medida em que isto interessar à classe operária brasileira com o objetivo de ela adquirir consciência revolucionária. Esses jornais compulsados, mais o material informativo pessoal, constituiu a parte factual fundamental do presente trabalho. Usamos números dos jornais A Plebe, A Pátria, A Manhã, O Estado de S. Paulo e outros. Quanto à reconstituição do crime, usamos a obra de Francis Russell e aproveitamos alguma coisa de obras esparsas.

Não será uma reconstituição completa da amplitude dessas lutas, mas o leitor ficará com uma visão suficientemente clara de como o proletariado brasileiro juntava harmonicamente a luta anti-imperialista ao internacionalismo proletário diante de um fato concreto.

Coisa estranha é que nas memórias de velhos revolucionários que estão sendo publicadas agora, o fato não é sequer referido. Não haveria entusiasmo por se tratar de anarquistas? Acreditamos que não, embora não tenhamos uma explicação definitiva. Parece-nos, contudo, que a solução tenentista entra como uma cunha que desliga os intelectuais de esquerda da visão proletária da revolução, ou da tentativa de executá-la, para elaborar uma teoria reformista que vai gradativamente tomando corpo no seio das forças políticas esquerdistas.

Com a chamada Revolução de 1930 a memória de Sacco e Vanzetti já não é tão lembrada e, em 1931, em São Paulo, há duas solenidades diferen-



tes, uma da Federação Operária de São Paulo (Comício na rua Florêncio de Abreu) e outra do Ateneu Libertário de Cultura Social, comício em São José do Belém. Como vemos, depois de quatro anos as coisas vão esfriando e a memória de Sacco e Vanzetti passa a ser lembrada apenas por pequenos círculos anarquistas.

Agora, quando estamos procurando uma retomada de contato com a memória nacional, é interessante rever como as coisas aconteceram de 1920 a 1927, lembrar o heroísmo dos trabalhadores que em número de cerca de cinquenta mil pararam praticamente São Paulo, e recordar a sua intransigente posição contra a penetração do imperialismo. Somente estas razões justificam a publicação do presente trabalho que nos parece útil, esclarecedor para os trabalhadores que, no momento, estão reencontrando a sua consciência social, e também para estudantes que desejem se inteirar da formação e do dinamismo da classe operária brasileira.

O Autor



I. BIOGRAFIA DO CRIME

“Livres! De que sois livres? E quem de vós é livre, em nossas nações de hoje? – De agir? Não, pois que o Estado dispõe de nossa vida, de vós fazendo assassinos ou assassinados.”

(ROMAIN ROLLAND,
História de uma consciência)



No ano de 1959 foi divulgada, pela imprensa mundial, notícia segundo a qual os processos de números 5.545 e 5.546 da Justiça de Massachusetts seriam revistos pela Justiça daquele Estado. Essas duas peças nada mais eram do que os processos movidos contra Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, considerados, pela opinião democrática de todo o mundo, vítimas de um dos maiores erros judiciários de todos os tempos.

A injustiça praticada contra esses dois operários italianos sensibilizou milhões de cidadãos, determinou que fossem criadas centenas de comissões de solidariedade e protesto em vários países e chegou também ao Brasil.

Como se sabe, depois de inúmeras protelações que se estenderam de 1920 a 1927, os dois acusados foram eletrocutados, apesar da onda crescente de solidariedade e protestos que se ergueu na Europa, em outras partes do mundo e no Brasil.



A viúva de Nicola Sacco obteve, depois de ingentes esforços, a promessa da reabertura dos dois processos. Se tal medida se concretizasse, haveria a possibilidade, embora já remota – depois de trinta e nove anos –, da reabilitação judiciária desses dois inocentes. Esta iniciativa de Rosa Sacco produziu um movimento imediato de simpatia da parte dos democratas que esperavam ver, finalmente, os nomes de Sacco e Vanzetti reabilitados oficialmente.

Dentre os crimes judiciários que a Justiça dos Estados Unidos registra, nenhum outro – com exceção do casal Júlio e Etel Rosenberg, assassinados em 1952 – teve ressonância mais expressiva e provas de solidariedade mais comovedoras e grandiosas do que as havidas a favor dos dois operários italianos.

Eram operários, anarquistas e italianos. Convém ter sempre isto presente para compreender-se bem a tragédia de suas vidas. Foram para os Estados Unidos na esperança ingênua de encontrar o paraíso. No entanto, na realidade, o que encontraram foi um país com uma economia que estalava por todos os lados e entrava no início da grande depressão. A sociedade norte-americana, pelas suas limitações estruturais e seus limites de dinamismo, estava na antevéspera da maior crise econômica da sua história, crise que atingiria frontalmente o seu operariado que se viu encurralado pelo sistema repressivo. Por outro lado, a crise se desdobraria no resto do mundo dependente da economia norte-americana. O próprio Vanzetti descreve a situação que encontrou nos Estados Unidos da seguinte forma:

“Aquele foi um ano terrível. Nós, pobres, dormíamos na intempérie e revolvíamos as imundícies das latas de lixo para encontrar uma folha de repolho ou uma maçã podre. Durante três meses percorri Nova Iorque de um lado para outro, sem conseguir trabalho. Certa manhã, em uma agência de empregos, encontrei um jovem mais esfarrapado do que eu. Na noite anterior havia ido dormir sem jantar e continuava em jejum. Levei-o a um res-



taurante; depois de comer seu desjejum com a voracidade de um lobo, disse-me que continuar em Nova Iorque era idiotice e se tivesse dinheiro iria para o campo, onde pelo menos havia algum trabalho, o suficiente – na pior das hipóteses – para se pagar um pedaço de pão e um catre onde dormir, sem contar o ar puro e o bom sol, que não custavam nada. Eu tinha ainda algum dinheiro e no mesmo dia tomamos o *Stroom Boat* para Hartford, Connecticut. Dali fomos a uma pequena cidade – não me recordo o seu nome – na qual o meu companheiro havia morado anos atrás. Pedimos emprego a uma família estadunidense de agricultores, inutilmente. Finalmente, em vista da nossa condição e mais por humanidade do que por necessidade, deram-nos trabalho por duas semanas. Lembrarei sempre da bondade daquela família, cujo nome lamento não me recordar.

Detenho-me, aqui; para ser mais sucinto, no relato da nossa peregrinação em busca de emprego. Percorremos uma infinidade de lugares; meu companheiro batia às portas de todas as oficinas, de todas as fábricas, porém ao regressar me lançava o seu *niente* a vinte passos de distância. O dinheiro terminou. Andando a pé chegamos em um entardecer aos limites de uma vila. Deitamo-nos em um estábulo abandonado e ali passamos a noite.

Pela manhã dirigimo-nos ao povoado; chamava-se – se bem me recordo – South Glastonberry e ali também o meu companheiro havia vivido. Um piemontês, chefe de uma grande plantação de pessegueiro, serviu-nos abundante desjejum. Finalmente chegamos a Middletown, Connecticut, perto das três da tarde desse mesmo dia. Estávamos esgotados, esfarrapados, famintos e empapados por três horas de chuva consecutiva.

À primeira pessoa que encontramos, perguntamos se conhecia algum italiano do Norte (meu ilustre companheiro era regionalista em excesso) e ela nos indicou uma casa próxima. Cha-



mamos: fomos atendidos por duas senhoras sicilianas, mãe e filha. Pedimos o favor de nos deixar secar as roupas junto à sua estufa. Enquanto fazíamos isto, perguntamos sobre as frentes de trabalho daquela zona. Responderam que ali era impossível achar ocupação e nos aconselharam a irmos até a vizinha Springfield, que contava com três fornos de ladrilhos.

Sem dúvida por haverem reparado a palidez dos nossos rostos e a forma como tremíamos, perguntaram se tínhamos fome. 'Não comemos desde às seis da manhã', foi a nossa resposta. A filha, então, nos deu um grande pão e uma comprida faca. 'Não posso dar-lhes outra coisa', disse-nos. 'Tenho de alimentar cinco filhos e a minha velha mãe; meu marido trabalha na estrada de ferro e ganha um dólar e trinta centavos por dia; para piorar as coisas estou doente há bastante tempo.'. Porém, enquanto eu cortava o pão, deu-nos, também, três maçãs que retirou do fundo de um caixão. Bastante reconfortados, partimos em busca dos fornos.

– O que haverá lá embaixo, onde se vê aquela chaminé, perguntei ao meu companheiro.

– A fábrica de tijolos.

– Vamos pedir trabalho?

– Já é muito tarde; não encontraremos ninguém na fábrica.

– Vamos à casa dos proprietários.

– Prossigamos, prossigamos que poderemos encontrar coisa melhor; estes trabalhos são duros, impossíveis para você.

Enquanto perguntas e respostas se sucediam, voltei o meu pensamento para a casa daquela pobre família, em cuja magra ceia daquela noite faltaria o pão que nós havíamos comido e senti um estremecimento ao lembrar o frio que sentíramos na noite



anterior. Lancei os olhos sobre mim: estava coberto de farrapos.” (1).

Esta a situação do operariado dos Estados Unidos descrita por uma das suas maiores vítimas.

O crime

O crime do qual acusaram Sacco e Vanzetti era típico do período que antecedeu a depressão nos Estados Unidos, e já trazia no seu bojo um conjunto de contradições cada vez mais agudas. Refletia as contradições que se aguçavam entre o capital e o trabalho, o desemprego consequente e a marginalização, em nível de criminalidade de milhares de ex-trabalhadores agora desempregados. Foi um crime típico do prenúncio da borrasca que se aproximava.

No dia 15 de abril de 1920, o pagador da firma Slater & Merrill, quando transportava o total da folha de pagamento daquele estabelecimento, a qual ascendia a quinze mil setecentos e setenta dólares, foi assassinado. Um guarda também foi morto na ocasião. Foram assassinados friamente, segundo as testemunhas, por dois indivíduos que fugiram, em seguida, carregando aquela elevada importância.

A eficiência, rapidez e coordenação de movimentos do crime faziam crer que se tratava de um dos muitos assaltos praticados por profissionais, planejado antecipadamente nos seus mínimos detalhes, com a possível conivência ou participação de funcionários da própria firma.

Após o assalto, um outro carro passou e os ladrões-assassinos transferiram para ele o dinheiro roubado. O crime, cometido na cidade de South Braintree, no Estado de Massachusetts, abalou a opinião pública e despertou a indignação dos empresários locais que se sentiam inseguros à medida que esse tipo de assalto se amiudava. Para satisfazer esta exigência de segurança da classe média norte-ameri-



cana, a polícia estadual entrou imediatamente em ação para tentar prender os criminosos.

Em face das características do assalto, a polícia ligou-o a outro que o antecederia, em circunstâncias parecidas, na cidade de Brigdewater, não muito distante. Havia, por outro lado, necessidade de uma solução rápida para esses dois assaltos, pois a inquietação social manifestava-se de forma crescente. Como as testemunhas achassem que o criminoso desse outro crime era presumivelmente um italiano, e, como nos dois foi usado automóvel, a polícia estabeleceu um silogismo elementar, segundo o qual o assassino devia ser italiano que possuía automóvel.

A polícia localizou, em seguida, um italiano chamado Boda, que possuía automóvel. Ficou de vigia. Como Sacco e Vanzetti, Boda era também um operário italiano de ideias avançadas, radicais para a sua época. Mais explicitamente: era um militante do movimento anarquista.

Acontece que, dias antes, um italiano anarquista (operário), depois de ter sido preso, foi atirado pela polícia do décimo quarto andar de um edifício. Em vista disto, Sacco e Vanzetti solicitaram o automóvel de Boda para que pudessem avisar a todos os seus companheiros a fim de que se protegessem contra possíveis prisões. Naquele tempo os emigrantes anarquistas eram violentamente perseguidos pela polícia política norte-americana. Entre eles o movimento anarquista crescia. Na situação de pré-crise econômica e social do capitalismo dos Estados Unidos, haviam escolhido essa ideologia – certo ou erradamente – como a que estava destinada a realizar a mudança social de forma revolucionária.

Ao deixarem a garagem, tomaram um bonde: os agentes de polícia que os seguiam prenderam-nos imediatamente, sem que houvesse resistência da parte dos detidos. Estava armada a tragédia de suas vidas.



Um silogismo político

O silogismo elementar da polícia – segundo o qual o crime devia ter sido praticado por um italiano que possuía automóvel, logo, os italianos anarquistas Sacco e Vanzetti que haviam usado um desses veículos eram os assassinos – não era, porém, uma simples prova de incapacidade profissional de policiais bisonhos. Tinha um objetivo: um objetivo político.

Quando a polícia constatou que os dois italianos presos eram militantes do movimento anarquista que se desenvolvia amplamente nos Estados Unidos àquela época, houve um sentimento de júbilo por parte das autoridades.

Ali estavam dois subversivos estrangeiros através dos quais a sociedade capitalista dos Estados Unidos poderia ser advertida contra os perigos que estava correndo e, desta forma, mobilizar a opinião pública conservadora contra os grupos de trabalhadores estrangeiros que estariam tentando destruir a harmonia entre as classes. Essa pretensa harmonia vinha sendo desmentida pelos fatos, e as estruturas de poder dos Estados Unidos tudo faziam através de medidas repressivas para manter esta ilusão.

Além do mais, os dois suspeitos eram, como já vimos, oriundos da classe operária: Bartolomeu Vanzetti era carpinteiro de profissão e Nicola Sacco fora pedreiro e era peixeiro no momento da prisão. Sacco tinha mulher e dois filhos. O mais velho chamava-se Dante e a caçula chamava-se Inês. Vanzetti, por seu turno, era solteiro.

Levados à delegacia, a polícia constatou que Sacco possuía um revólver Colt. Imediatamente deduziu – através de outro silogismo – que se o crime fora cometido com um revólver e o operário anarquista possuía uma dessas armas, ela devia ter sido o instrumento do crime.

A essa altura dos acontecimentos, os acusados compreenderam a extensão da farsa montada contra eles e para onde estavam



sendo levados. Compreenderam o significado que estavam dando às suas prisões e ao inquérito. Não tiveram dúvidas quanto ao conteúdo ideológico das suas prisões e se prepararam para o pior. E com razão. Vítimas da ferocidade da justiça de classe dos Estados Unidos, nunca mais saíram da prisão. Estavam antecipadamente condenados: por serem operários, anarquistas e estrangeiros.

Rosário de chicanas

Os anos se sucedem: 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927...

Apesar de tudo demonstrar que eles eram inocentes, um rosário de chicanas jurídicas se estendeu por todo esse tempo, visando a condená-los de qualquer forma, custasse o que custasse. Não interessavam provas, pois elas não eram necessárias. Precisava-se de um símbolo-advertência para a sociedade em crise. Sacco e Vanzetti, pelas razões que já apontamos, foram os escolhidos.

As testemunhas de acusação eram forjadas despidoradamente e as de defesa não eram sequer consideradas, ou, então, eram ameaçadas direta ou indiretamente. Diante do temor generalizado da repressão aberta ou subliminar, somente a acusação tinha vez. As testemunhas se desdiziam de acordo com os interesses da acusação.

Exemplo: uma das testemunhas, Pelsler, não identificou, na primeira acareação, os dois acusados como aqueles que haviam praticado o crime. Em consequência foi despedida da firma na qual trabalhava, a qual, por sua vez, era associada com a que fora assaltada. Desempregado, volta a depor. Desta vez identificou, sem nenhuma sombra de dúvidas, Sacco e Vanzetti como sendo os autores dos roubos e dos assassinios. Depois deste segundo depoimento acusador, foi readmitido na mesma companhia que o havia despedido.

O procurador distrital, Winfield Wilbar, que trabalhava no caso, usou de todas as armas e todos os recursos, objetivando colocar



os acusados na cadeira elétrica.

Quando não ameaçava diretamente, intimidava as testemunhas, através de insinuações e frases com segundas intenções. Em face disto, o inquérito, e depois o processo, se transformaram em longo rosário de chicanas. Um exemplo flagrante do clima no qual se desenvolveu o processo é o de uma testemunha: Miss Splaine. No primeiro interrogatório, ao ser-lhe mostrada uma série de fotografias, reconheceu como sendo o criminoso um indivíduo chamado Tony Palmisano. Mas, ao ser inquirida pela segunda vez, quatorze meses depois, o seu depoimento foi o seguinte:

“Pergunta: – Poderá descrever o criminoso para os senhores do júri?

Resposta: – É claro. Era um homem que eu poderia classificar como sendo um pouco mais alto do que eu. Tinha o peso aproximado de 70 a 80 quilos. Era musculoso, de aspecto dinâmico. Notei uma particularidade: a mão esquerda era bastante grande, denotava ser possuidora de força.

Pergunta: – E onde viu essa mão?

Resposta: – Era a mão esquerda e se apoiava no banco da frente. Estava vestido de alguma coisa como uma camisa de tom cinza azulado e o seu rosto era daquilo que se poderia classificar como de feições regulares, bem pronunciadas (...). Tinha a testa bem alta e o cabelo puxado para trás. O cabelo devia ter poucos centímetros de comprimento e as sobrancelhas dele eram muito escuras, enquanto a sua pele era pálida, de um estranho esverdeado.”.

Ora, como uma testemunha que, logo após o crime, não conseguiu identificar nenhum dos acusados, volta, quatorze meses após, e consegue identificar um acusado com pormenores de tal monta que somente uma memória privilegiada e fotográfica poderia guardar?



Havia mais um detalhe em relação a essa testemunha: ela só enxergava por um olho.

Por tudo isto, embora nada constasse que provasse a culpabilidade dos dois (foram condenados por provas circunstanciais), já estavam antecipadamente condenados pelo juiz da Corte de Massachusetts e pelas estruturas de poder da sociedade norte-americana.

Em contrapartida, todas as testemunhas que serviriam para inocular Sacco e Vanzetti não eram levadas em conta. Basta um exemplo para provar a facciosidade do processo: os álibis apresentados pelo advogado de defesa foram sumariamente rejeitados. Essas testemunhas juraram ter visto Sacco em Boston tentando obter um passaporte no consulado italiano daquela cidade, e Vanzetti, segundo elas, estava vendendo peixe em local bem distante do crime. Nenhum desses argumentos, porém, foi levado em consideração.

Outra chicana da justiça: os acusados, quando foram detidos, não sabiam responder às perguntas feitas de propósito para envolvê-los. Um interrogatório duro e habilmente dirigido por policiais agressivos já é suficiente para envolver pessoas que dominam a língua na qual são interrogados. Imagine-se, então, quando os interrogados – como era o caso de Sacco e Vanzetti – mal conseguiam articular o inglês. Para resolver esse impasse e dar uma aparência de legalidade aos interrogatórios, a justiça contratou um intérprete, o qual, porém, como o próprio Vanzetti denunciaria em uma carta a sua irmã, só serviu para prejudicá-los. O resultado já era previsto por todos: depois de um ano de encarcerados, foram levados a júri. Em 14 de junho de 1921 foram condenados a morrer na cadeira elétrica.

Conscientes da injustiça

Os dois condenados não tinham mais esperanças da justiça de classe dos Estados Unidos. Sabiam que seriam executados não pelo crime que não praticaram, mas pelas suas ideias políticas, sempre



reafirmadas. Um exemplo disto é a carta que Sacco escreveu ao filho, depois de ter terminado uma prolongada greve de fome:

“Desde o dia em que te vi pela última vez que venho pensando em mandar-te esta carta, mas a duração da greve de fome e a impressão de que não seria capaz de me exprimir direito fizeram-me adiá-la todo esse tempo. Terminei outro dia a greve de fome e logo imaginei escrever-te, mas verifiquei que não me sentia bastante forte e não podia fazê-lo de uma só vez.”.

Em seguida, acrescenta:

“Filho, ao invés de chorar, procura ser forte, de modo a confortar tua mãe. Leva-a a um longo passeio pelo campo, colhendo flores silvestres, aqui e ali, descansando à sombra das árvores entre a harmonia de um arroio alegre e a tranquilidade amável da natureza.”.

E termina:

“Dante, eles podem crucificar os nossos corpos hoje, como estão fazendo, mas não podem destruir nossas ideias que permanecerão – para os jovens do futuro. Dante, ainda uma vez te digo, ama a tua mãe, fica perto dela e de todos os outros, nestes dias tristes, pois estou certo de que com o apoio do teu coração valente e a tua bondade, eles se sentirão um pouco melhor. E não te esqueças de amar-me um pouco, meu filho! Porque eu penso muito e sempre em ti.».

Por outro lado, Vanzetti escrevia uma carta e a distribuía aos jornais, na qual analisava a situação em que se encontrava o resultado da revisão do processo:

“Bah! Como das outras vezes a Corte Suprema tarda em dar a sua decisão ao recurso. Este foi discutido a 27 de janeiro e nós esperávamos a decisão em fins de fevereiro ou nas primeiras



semanas de março. Entretanto estamos a 4 de abril... e ainda esperamos. Diz o advogado que esse atraso é um bem porque, em sua opinião, demonstra que os supremos juízes de Massachusetts não estão de acordo. Dizem: «Se um só dos cinco juízes que formam a unanimidade da Corte Suprema mais os dois suplentes dissentissem dos outros em negar um novo processo, não iríeis mais à cadeira elétrica.’.

Vede que guizalhar! E que consolação arrebentar as galés, de morte natural em vez de ser despedaçado pela leveza de um raio artificial. Mas, ultimamente o advogado mostrou-se mais otimista em sua expectativa.”.

As declarações dos dois condenados à família e à opinião pública mundial se sucediam. Sobre a decisão dos jurados que os condenaram, diziam em carta comum:

“Não fomos surpreendidos pela decisão porque sabemos que a classe capitalista é dura e não tem compaixão para com os bons soldados da revolução. Sentimo-nos orgulhosos com a morte. Cairemos como outros anarquistas têm caído. É agora a vossa vez, meus irmãos e camaradas.”.

Não foram, porém, apenas Sacco e Vanzetti que se dirigiram às autoridades e à opinião mundial. Inúmeras vezes se fizeram ouvir também, tentando demonstrar sua inocência. Juristas, escritores, líderes sindicais e representantes de outras lideranças se pronunciavam em favor dos condenados. Manifestaram-se contra o crime, entre outros: Romain Rolland, André Gide, Albert Einstein, Anatole France, madame Curie e George Bernard Shaw. Até o ditador fascista Benito Mussolini, pressionado pela opinião democrática italiana, passou um telegrama intercedendo pelos dois.

Nada, no entanto, influenciou para degelar a enorme geladeira em que se transformou a justiça americana. Esse sistema rígido, através



de uma roupagem *jurídica*, terminou por assassinar Sacco e Vanzetti. Uma dessas personalidades que intercederam a favor dos acusados foi o professor Morris R. Cohen, que ensinava filosofia em Nova Iorque. Dizia ele:

“O processo de Sacco e Vanzetti assusta numa simples probabilidade que o anula. A lógica judiciária, que regula a *prova indireta*, contradiz eloquentemente as conclusões da Justiça de Massachusetts.

Crimes como o de Braintree, caracteristicamente profissionais, não podem ter por autores indivíduos como Sacco e Vanzetti, cuja vida pregressa não autoriza uma prova indicatória em semelhante caso.

Nem a sua sociedade, nem as suas maneiras, os seus modos de vida foram jamais de bandidos.

Acreditar-se-á que, tendo tomado parte num assassinato à luz do dia, Sacco e Vanzetti continuassem tranquilamente as suas ocupações cotidianas a poucas léguas do local do crime? Nenhum vestígio do roubo foi encontrado com eles.

E quem já ouviu falar em ladrões distribuindo boletins para um *meeting* em que um deles é o orador principal?

O testemunho que os identificou é pueril.

Ninguém, nem mesmo o arcebispo de Canterburg, escaparia a uma identificação dessa natureza. A prova parcial nada esclareceu quanto à bala que se atribui ao revólver de Sacco.

Todas as fases subsequentes desse processo têm demonstrado a intransigência dos juízes e o móvel preconcebido da sentença.

E, finalmente, será justo que sejam mortos dois homens por um crime cuja autoria outro confessou?



Nessa fase do processo, o caso Sacco e Vanzetti é uma reprodução judiciária do caso Dreyfuss (2), e mais remotamente, do caso Calas, ao tempo de Voltaire.

Então, a despeito da indecisão das provas, Calas, um pobre velho, foi preso e condenado ao suplício da *roda*, acusado de haver estrangulado o seu próprio filho, um rapaz de 28 anos e dotado de vigoroso físico.

E por quê?

Tudo por influência de uma politiquice de aldeia, contra os protestantes. A beatice levantou uma terrível e poderosa oposição contra qualquer revisão do processo no sentido de reparar a justiça dos seus erros grosseiramente cometidos.

Do mesmo modo, quando se reconheceu a improcedência da acusação contra o capitão Dreyfuss, vítima da sua origem israelita e de alguns documentos falsos, uma parte da França se opôs tenazmente à revisão do processo, apesar da confissão tácita dos culpados.

A coisa se repete.

Sacco e Vanzetti foram processados por serem estrangeiros e *vermelhos*.

O clericalismo no primeiro caso, o militarismo no segundo e o nacionalismo e legalismo no terceiro impõem-nos o dogma de 'crê ou morre' que a tanto se reduz a legenda política dos interessados ocultos, patrões do júri que condenou Sacco e Vanzetti, sobre quem recomendaram: Condenai-os, jurados! Condenai-os porque de qualquer modo eles precisam ser enforcados!

A Religião, a Pátria, a Justiça são, certamente, ideais elevados e nobres.



Mas seria doloroso que sacrificássemos a razão, aceitando a infalibilidade da justiça oficial contra o direito de opinião.

Não pode haver mais funesto perigo para as democracias do que os princípios absolutos.”.

Outra personalidade que juntou sua voz às milhares que se ergueram no mundo foi o professor William P. Montagne, professor de filosofia da Universidade de Colúmbia. Dizia peremptoriamente:

“Estou certo de que Sacco e Vanzetti são inocentes.

Este processo está eivado de toda sorte de paixões e preconceitos políticos.

O governador Fuller deveria liberá-los de uma vez ou submeter o seu caso a uma comissão especial para o fim de um novo exame, que atentasse especialmente nos novos esclarecimentos da defesa, apresentados após o encerramento do processo.

A sentença, como está, compromete profundamente a Corte de Justiça de Massachusetts perante o mundo civilizado.”.

Por outro lado, o reverendo John Haynes Holmes, da Igreja Community, de Nova Iorque, escrevia:

“O caso Sacco e Vanzetti apresenta uma feição jurídica das mais importantes e curiosas que o mundo já conheceu, inclusive a do famoso caso Dreyfuss.

Mil aspectos complicados ele oferece; todavia a questão é simples. Esses dois homens condenados por um crime sem provas serão mortos para satisfazer a majestade de nossa Corte. O homem foi feito para a lei, ou a lei para o homem? A resposta a esta pergunta, no presente caso, atinge em cheio o coração da justiça e do direito.

Eu não sei se Sacco e Vanzetti são ou não culpados do crime pelo



qual estão sentenciados à morte. Penso que eles são inocentes. Mas, mesmo que não os julgasse inocentes, eu seria constrangido a afirmar, juridicamente, a sua inocência, visto que a prova foi toda ela formada sobre a dúvida que se revelou plenamente à conclusão do processo. Houve dúvida no depoimento das testemunhas; houve dúvida na astuta, porém desonesta, interpretação desses depoimentos com o intuito de provar que a bala fatal fora disparada por um dos acusados. E essa dúvida se intensificou com a apresentação pela defesa de provas ulteriores que não figuraram e não são conhecidas no curso do processo.

Além disto, têm sido feitas sérias acusações, que não foram contestadas, contra o Departamento de Justiça dos Estados Unidos relativamente a certos mistérios do processo.

Essas acusações escurecem completamente o processo e abalam o *veredictum*. Essas acusações continuam de pé porque não foram desfeitas pela Suprema Corte de Massachusetts.

Não houve, pois, uma revisão judiciária da prova, o que a justiça não podia recusar em face das alegações apresentadas.

Permitir, por outro lado, que a lei se exerça por si própria, sem a intervenção do Executivo, delega, como querem alguns americanos (interessados em confundir as convicções sociais e econômicas de Sacco e Vanzetti com o fato delituoso incriminado pela justiça pública), será violar mais que flagrantemente os princípios jurídicos sobre que se baseia a nossa legislação.

Quando as cortes erram, como algumas vezes acontece, nós muito justamente confiamos na discricção do Executivo, para prevenir que se pratique, em casos particulares, uma injustiça resultante do poder do Judiciário.”.

Tudo inútil.



Um dos criminosos confessa

O mais monstruoso em todo esse crime judiciário – conforme acentuou muito bem o professor Morris R. Cohen – é que houve, de fato, um criminoso confesso, dizendo-se participante do assalto de que resultaram as mortes. Chamava-se Celestino Madeiros, de nacionalidade portuguesa. Delinquente contumaz, praticava roubos desde a idade de quatorze anos. Vivia entre casas de jogo e prostíbulos. Finalmente, foi preso e condenado à morte. Acontece que um dia ele soube da condenação do carpinteiro e do peixeiro pela Justiça de Massachusetts. Mas ele havia sido um dos autores do crime, sabendo, por isto, mais do que ninguém, que Sacco e Vanzetti eram inocentes. Certamente esse delinquente deve ter passado por uma crise de consciência profunda, revirado todo o seu subconsciente criminoso para resolver escrever ao jornal *Boston American*, confessando ser um dos autores do crime.

No dia 15 de abril – dizia ele –, entrara em um automóvel com mais dois criminosos, saindo de Providence para o assalto. Sabiam que o pagador traria a importância correspondente aos salários dos empregados. Ficaram esperando. Quando o pagador e o guarda surgiram, os dois cúmplices pularam com o produto do roubo. Madeiros havia ficado no carro, encarregado de atirar se fosse preciso na fuga do assalto. E ele precisou atirar e matar para dar fuga aos companheiros de assalto.

A confissão de Madeiros foi cair, primeiramente, nas mãos do corregedor da polícia, que simplesmente a jogou na cesta de papéis imprestáveis. A farsa já estava montada nos seus mínimos detalhes para condenar a Sacco e Vanzetti, e nenhuma prova ou argumento em contrário seriam tomados em consideração pela trituradora máquina judicial norte-americana.

Como não conseguiu resposta da primeira confissão, Madeiros escreveu a segunda. Mandou-a, através de um servente a Nicola Sac-



co. Mas a justiça norte-americana não a tomou em consideração. Madeiros, que já estava condenado à morte anteriormente, foi executado, por um capricho macabro dos algozes de Sacco e Vanzetti, no mesmo dia em que eles se sentaram na cadeira elétrica, precedendo-os em alguns minutos apenas.

Desde o início do processo, conforme já dissemos, ficou comprovado à saciedade o comportamento faccioso da justiça norte-americana. Não bastassem os fatos que já arrolamos, a prova de balística que foi feita para apurar se o revólver de Sacco fora o que detonara os tiros foi negativa. Pouco tempo depois, porém, o cano da arma seria substituído. Mesmo com todos os protestos da defesa, o técnico de balística, chamado a depor, deixou-se envolver voluntária ou involuntariamente pelas chicanas do procurador. Embora tivesse respondido evasivamente sobre se aquela era a arma do crime, isto bastou para que considerassem a sua resposta como uma prova da culpabilidade de Sacco.

A essa altura dos acontecimentos o julgamento dos dois anarquistas italianos havia se transformado em um caso com duas alas de opiniões bem distintas: aqueles que queriam provar, apoiados no bom senso e nas provas, a inocência de Sacco e Vanzetti, e aqueles que, possuindo em suas mãos a máquina judiciária americana, desejavam colocá-los na cadeira elétrica. Os que acreditavam na sua inocência queriam apenas um novo julgamento à luz de novas provas e dos elementos relevantes que surgiram. Os que desejavam eletrocutá-los, no entanto, não permitiam que tal coisa acontecesse. Para que se tenha uma ideia do clima de irracionalismo emocional extremo a que chegaram os seus acusadores, basta o seguinte: o juiz que decidiu a causa afirmou: “Ou consigo contra tudo sentar na cadeira elétrica Sacco e Vanzetti ou atiro à rua a minha toga de juiz.”. O promotor, por seu turno, afirmava: “Ainda que a inocência de Sacco e Vanzetti se provasse tão clara como a luz do sol, a dignidade da justiça exige que sejam condenados.”.



Em consequência dessa posição facciosa, todos os argumentos apresentados pela defesa eram recusados. Por outro lado, usando de todos os recursos, a defesa conseguiu a protelação do caso durante sete anos, mas não conseguiu um novo julgamento. Enquanto isto, o juiz Thayer confessava-se convicto de que os dois eram criminosos e regozijava-se publicamente com o resultado do processo.

O governador do Estado, Fuller, para dar uma satisfação à opinião pública mundial e limpar a imagem dos Estados Unidos no exterior, mandou proceder a *investigações* particulares sobre o caso. Evidentemente que essas *investigações* concluíram pela culpabilidade de Sacco e Vanzetti. Depois dos resultados dessas *investigações*, afirmou:

“Em consequência do meu estudo sobre as peças do processo e a minha investigação pessoal, inclusive as entrevistas com inúmeras testemunhas, acredito, de acordo com o júri, que Sacco e Vanzetti são culpados e considero justa a condenação.”.

E, em seguida:

“É necessário que se diga que, empreendendo a investigação, contribuí para o exame cuidadoso do caso como havia prometido aos dois acusados. A minha resposta é, agora, esta. Havia convicção formada de que vários retardamentos da execução eram provas de que existiam dúvidas a respeito da culpa de Sacco e Vanzetti. A verdade, porém, é que a causa principal do retardamento foi criada pelos injustificados, persistentes e decididos esforços dos advogados de defesa que puseram em prática sua extraordinária versatilidade.”.

Em outras palavras, quando realizou as suas *investigações* o governador Fuller já estava de antemão convencido de que o seu resultado viria a confirmar a culpabilidade dos dois.

Como vemos, não foi um julgamento, mas um assassinio judiciário. Segundo testemunhas, o governador manteve-se calmo ao



assinar a sentença de morte diante dos seus secretários. Um jornal publicou que ele “manteve-se calmo, seguro e acreditando que agia com justiça.”. Aos jornalistas que o interrogaram, respondeu que “nada tinha a declarar” e apenas reafirmava que havia cumprido o seu dever. No entanto, estava com a barba crescida e apresentava sinais visíveis de exaustão, quando, na Casa do Estado, terminou de fazer o seu pronunciamento definitivo. Diante da insistência dos repórteres, afirmou apenas:

“Lamento não poder conceder entrevistas. Posso dizer que me sinto extremamente cansado. Espero que a verdade apareça por si própria; teria preferido não fazer qualquer declaração suplementar nesta ocasião solene.”.

Dirigiu-se, em seguida, a um hospital onde o seu filho se encontrava internado. Depois, retirou-se para a sua residência de verão em New Hampshire.

No dia seguinte, os condenados foram informados, através dos seus advogados, da sentença do governador.

Enquanto isto, milhares e milhares de pessoas aguardavam a divulgação da sentença. Em Boston, verdadeira multidão – ainda segundo os jornais – aguardava em frente às redações dos jornais a decisão do governador Fuller. Quando foi divulgada a decisão, ainda segundo notícias da época, a multidão prorrompeu “em murmúrios confusos”. Quando a sentença circulou, bombas explodiram em Brooklin, Nova Iorque e Filadélfia. Toda a força policial nova-iorquina foi mobilizada para prevenir possíveis distúrbios. A Internacional Comunista fazia um apelo em favor dos condenados, e os operários argentinos entraram em greve de solidariedade. Poucos dias antes da execução, o Partido Comunista Americano transformou uma manifestação contra a guerra em uma manifestação em apoio a Sacco e Vanzetti.



Nada mais havia a fazer já que o presidente Coolidge se negara a interferir no caso.

Foram executados no mesmo dia de Madeiros. Vamos transcrever aqui, embora com certas reservas, o depoimento do carrasco R. G. Elliott que os executou. Afirma ele, nas suas memórias, que

“Sacco caminhou a ‘última milha’ vagarosamente, mas com firmeza. Não estava acompanhado de nenhum sacerdote pois desde o princípio recusara a assistência espiritual do capelão da cadeia. Quando entrou no aposento notei que estava intensamente pálido; era evidente que se encontrava sob uma terrível pressão mental. Avançou até a cadeira sem o auxílio de ninguém. Enquanto os guardas o amarravam e aplicavam os eletrodos, ele bradou na sua língua ‘nativa: ‘Viva a anarquia’.

Tudo estava pronto, faltando apenas colocar a máscara sobre a sua face. Mas, não era possível encontrar a máscara! Os guardas e eu procuramos freneticamente: gotas de suor frio escorriam da minha testa. Entretanto, Sacco continuava a falar.

‘Adeus, minha mulher, meu filho e meus amigos’, gritou ele em um inglês atrapalhado. Tinha dois filhos, um rapaz e uma moça, mas o seu pouco conhecimento da nossa língua, juntamente com a tortura moral que estava sofrendo, decerto, foram responsáveis pelo emprego do singular em vez do plural em ‘filhos’.

Em seguida, o condenado dirigiu-se a todos os que estavam na sala. ‘Boa noite, senhores’, disse ele. Suas últimas palavras foram: ‘Adeus, mamãe’.

Enquanto Sacco dizia isto, um guarda entrou no aposento trazendo a máscara. Tinha ficado presa nas roupas de Madeiros e fora levada para fora ao transportarem o corpo para a sala de autópsia. Se não fosse Sacco ficar falando, o incidente teria



sido notado; no entanto, o único repórter presente não notou o que acontecera e nada foi mencionado a seu respeito no jornal. Tenho muitas vezes dado graças a Deus pelo fato do pequeno italiano se ter mostrado tão falador enquanto esperava a morte sentado na cadeira.

Vanzetti foi o mais acomodado dos três que morreram naquela noite. Ele também dispensou a assistência de um sacerdote. Quando os guardas o foram buscar, apertou-lhes as mãos e acertou o seu passo pelo deles até a porta da câmara das execuções.

‘Quero agradecer-lhe por tudo o que fez por mim, senhor diretor’, disse ao diretor Hendry, apertando-lhe fortemente a mão. O diretor ficou profundamente comovido e não respondeu.

As palavras seguintes de Vanzetti foram dirigidas às testemunhas: ‘Quero dizer-lhes que estou inocente e nunca cometi nenhum crime, só às vezes algum pequeno pecado. Agradeço por tudo o que fizeram por mim. Estou inocente de todo crime, não só deste, como de qualquer outro. Sou um homem inocente.’. Antes que eu ligasse a chave, falou ainda uma vez: ‘Perdooo a certas pessoas o mal que me fizeram neste momento.’.

Assim caiu o pano sobre o último ato de uma tragédia que abalou o mundo inteiro.” (3).

Trinta e três anos após a tragédia – conforme já dissemos –, a viúva Sacco entrou com um pedido de reabertura do processo. Inutilmente. Não foi considerado pela justiça americana. Uma última tentativa no sentido de se reabilitar a memória dos dois operários, através da reabertura do processo, foi feita por Sabino Sacco, irmão de Bartolomeu. Esse pedido de reabilitação foi feito no ano de 1973 e o seu irmão, então com noventa anos, encarregou um advogado de iniciar o pedido, com base em várias testemunhas.



O primeiro testemunho foi o do juiz Ângelo Michele Musumano, da Corte Suprema da Pensilvânia, já falecido, que sempre proclamou a inocência de Sacco e Vanzetti. O segundo testemunho foi o do marginal Vicente Teresa, muito conhecido no submundo americano e que, em um livro, revelou o nome de uma pessoa que confessou ser um dos autores do crime pelo qual foram Sacco e Vanzetti condenados. Segundo Vicente Teresa, o criminoso chamava-se Frank Morelli e já morreu também. Morelli teria lhe confessado que era um dos culpados, com as seguintes palavras:

– Digo-te isto para que vejas o que é a Justiça.

Logo depois, porém, a imprensa noticiava que a Justiça dos Estados Unidos, impermeável como sempre, negou-se a rever o caso. Desta forma, o assunto estava definitivamente encerrado.

Com a aproximação do cinquentenário da morte de Sacco e Vanzetti, reavivou-se, em todo o mundo, a rediscussão do assunto. Não havia mesmo possibilidades de se continuar com a farsa. Mas a Justiça dos Estados Unidos não podia ser violentada, daí a reabilitação dos dois anarquistas ter saído através do governador de Massachusetts, isto é, da autoridade idêntica à que cinquenta anos antes assinara a sentença fatal. Em julho de 1977, finalmente, o governador Michael Dukakis assinou decreto removendo o “estigma da infâmia” que pesava sobre os nomes de Sacco e Vanzetti. Na proclamação de Dukakis, é dito apenas que a “justiça falhou”. Nenhuma referência é feita ao juiz Thayer que os condenou. Desta vez, por portas erradas, procurou-se reparar o ultraje. No entanto, os processos de Sacco e Vanzetti continuam sem serem reabertos. Todas as chicanas, todas as pressões, intimidações, os subornos e torturas morais que levaram os dois operários anarquistas italianos à cadeira elétrica talvez um dia possam ser revistos.

No entanto, até o momento, por um ato de prestidigitação do governador Michael Dukakis, o hímen complacente da Justiça do Estado de Massachusetts continua virgem.



Notas

(1) VANZETTI, Bartholomeo. *No Lloren mi Muerte* “Não Chorem minha Morte” (Cartas da Prisão). Buenos Aires: Granítica, 1, 1972, p. 23 e segs.

(2) Inúmeras vezes, durante o processo de Sacco e Vanzetti, houve quem se referisse à analogia entre o caso Dreyfuss e o deles. O que muita gente ignora é que Dreyfuss ainda estava vivo na França e foi procurado pelo escritor Pierre Van Passen para interceder em favor dos dois anarquistas italianos. Afinal, ele era o exemplo vivo de um erro judiciário. Vejamos como Pierre Van Passen narra o seu dramático encontro com Dreyfuss: “Dreyfuss! Dreyfuss vivia ainda! Se havia alguém capaz de compreender a situação dos dois libertários italianos era ele. Não tinha Dreyfuss, um inocente, passado cinco anos de sua vida sobre as rochas escaldantes da Ilha do Diabo? Instamos com Joseph Caillaux, o perito em finanças e colaborador do *World* naquela época, a fim de que apelasse para a generosidade do povo americano e do seu presidente. Outros telegrafavam espontaneamente: membros da Academia, ex-ministros, prelados, juízes, intelectuais, diretores de jornais, o professor Basch, Romain Rolland, Victor Margueritte, a condessa de Noailles, Barbusse, a Liga dos Direitos do Homem.

Mas da América não vinha resposta. Depois de trazer os dois anarquistas em torturante expectativa durante sete anos, o juiz de Boston estava prestes a executar a sua ameaça de ‘dar cabo daqueles vermelhos’.

Dreyfuss antolhava-se a nossa última esperança. Se alguém podia abrandar os corações humanos era ele, com a sua autoridade moral de símbolo vivo da inocência injuriada. Os meus colegas redatores do *World*, Arno Dosch-Fleuret e Alfred Murray, aconselharam-me que enviasse uma tentativa para fazê-lo pronunciar-se. Não havia tempo a perder: a execução estava apazada para daí a dois dias. Mas encontrei vazia a casa do ex-oficial de artilharia na Avenida Friedland. Ele fora passar a temporada em sua vila à beira-mar, perto de Deauville. E para Deauville abalei-me eu, de táxi ...

Fui recebido por um indivíduo que era o lacaio ou o secretário do capitão.

Depois de me ouvir, esse homem não quis conduzir-me à presença de Dreyfuss. *Monsieur* não podia envolver-se naqueles assuntos. *Monsieur* Dreyfuss estava retirado da vida pública. Uma intervenção dele poderia ser mal interpretada.

– Mal interpretada? De que maneira, faz favor?

– Não percamos tempo em conversa – disse o secretário –, o capitão Dreyfuss não pode intervir nesse assunto. O senhor deve retirar-se. Ele está dormindo a sesta no quarto ao lado. As nossas vozes podem incomodá-lo.

– Mas trata-se da vida de dois homens!

– É pena – foi a resposta. – Talvez sejam culpados.

– Talvez – disse eu –, mas foi este justamente o caso de *Monsieur* Dreyfuss. Também naquele tempo havia boas razões para duvidar. Nós cremos que Sacco e Vanzetti, como anarquistas, foram escolhidos como vítimas expiatórias pelos elementos reacionários dos Estados Unidos, assim como o capitão Dreyfuss, como judeu, foi a vítima expiatória apresentada pelos jesuítas ao Estado-Maior francês.

A porta da antecâmara abriu-se. Dreyfuss! Eu considerei a figura daquele homem encanecido e míope, cujo crime ou inocência fora motivo de batalhas nas ruas, e por quem a França estivera à beira da guerra civil e da revolução ...

– Faça o favor de retirar-se imediatamente desta casa – ordenou o capitão Dreyfus, irado.

– Como queira, *monsieur*. O senhor sabe o que me traz aqui.



- Nem mais uma palavra, por favor. Retire-se...
- É a sua última decisão, capitão Dreyfus?

Ele não respondeu." (VAN PAASSEN, Pierre. *Estes dias tumultuosos* (Biografia de uma geração desesperada). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940. p. 171-172.)

(3) ELLIOT, R. G.; BEATTY, A. R. 387!! *Matei-os por Ordem*. Vechi Editor, s/d. p. 185-186.



II. A SOLIDARIEDADE PROLETÁRIA

“Quando os camaradas dos Estados Unidos da América do Norte apelaram para o proletariado internacional para que se manifestasse sobre as condenações dos trabalhadores Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, indicados a serem carbonizados na infame cadeira elétrica, tinham a certeza de que ninguém os desapontaria nessa campanha humana que deve fazer recuar os assassinos juízes norte-americanos a soldo do capitalismo.”

(Manifesto da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, publicado em *A Pátria*, Rio de Janeiro, 10-07-1928)



Sacco e Vanzetti são presos em 1920 – dois anos após o término da Primeira Grande Guerra – e executados em 1927 – dois anos antes da *débâcle* da Bolsa dos Estados Unidos, da depressão e das suas conseqüências em todo o mundo capitalista. Este período é muito significativo, porque representa o início da crise geral do capitalismo e expressa um dos seus sintomas mais evidentes: a grande depressão.

No Brasil o movimento operário ascendia de nível e aumentava de qualidade. A greve de 1917, em São Paulo, quando os operários ocuparam praticamente a cidade, foi o seu ápice, embora o movimento grevista continuasse nos anos subsequentes. Em relação a Sacco e Vanzetti e ao nosso movimento operário, há um fato relevante a destacar: o Partido Comunista do Brasil fora fundado em 1922, depois de uma acirrada luta ideológica com os anarquistas. Aliás, o Partido Comunista do Brasil tem esta particularidade em relação aos europeus: enquanto os PCs da Europa foram frutos da bancarrota da Segunda Internacional e de todo o movimento socialdemocrata reformista, no Brasil o PCB surgiu de um rompimento com os movimentos anarquista e anarcossindicalista que dominavam o movimento operário. Esta luta ideológica terminará com a vitória da corrente marxista.



Apesar, porém, das divergências ideológicas entre marxistas e anarquistas, os primeiros apoiaram a campanha contra a execução dos dois operários italianos.

Segundo Astrojildo Pereira, o mensário *Movimento Comunista*, datado de fevereiro de 1922, noticiava a realização de comícios de protesto promovidos pela Federação Operária do Rio de Janeiro e estampava uma proclamação do Centro Comunista daquela cidade,

“no qual se denunciava o caráter de classe do processo movido pela justiça americana contra os dois operários italianos. Esse mesmo número do referido mensário divulgava uma mensagem do Partido Comunista da América, agradecendo pela solidariedade dos trabalhadores do mundo inteiro que lutavam para salvar a vida das duas vítimas do capitalismo americano.” (1).

“O período que abrange os anos de 1917 a 1920 caracterizou-se por uma inusitada intensidade das lutas operárias. Com a guerra verificava-se um surto de desenvolvimento industrial, como também aumentavam a intensidade do trabalho e a exploração. Nesses anos as ondas do movimento operário elevaram-se a alturas desconhecidas no Brasil.” (2).

Segundo o mesmo autor,

“no ano de 1920 realizou-se a greve dos trabalhadores da Leopoldina, que abrangeu todos os núcleos da Estrada de Ferro do Distrito Federal, no Estado do Rio e em Minas Gerais.” (3).

Esses movimentos irão se generalizando e, ao mesmo tempo, a classe operária passará a adquirir, através dos mesmos, maior nível de consciência social. Foi através de uma série de movimentos grevistas que os trabalhadores conseguiram formar o PCB.

“As grandes greves e agitações de massa do período de 1919-



-1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica, quando a situação objetiva do país (em conexão com a situação mundial criada pela guerra imperialista de 1914-1918 e pela vitória da revolução operária e camponesa na Rússia) abriu perspectivas favoráveis à derrubada do poder feudal-burguês dominante. A constatação deste fato, resultante de um processo espontâneo e a bem dizer intuitivo de autocrítica que se acentuou principalmente durante a segunda metade de 1921, sob a forma de acaloradas discussões nos sindicatos operários, levou diretamente à organização dos primeiros grupos comunistas que se constituíram como passo inicial para a formação do Partido Comunista." (4).

Por outro lado, a intelectualidade radical se dividia. Os anarquistas que, inicialmente, apoiaram a União Soviética, logo começaram a combatê-la em virtude de não ser a república dos seus sonhos. Em primeiro lugar vinha o problema teórico de o Estado soviético continuar cada vez mais forte ao invés de ir se extinguindo paulatinamente, segundo o esquema teórico anarquista.

"Foi igualmente nesse ano ainda (1919) que se deu a ruptura dentro do movimento anarquista em relação ao apoio à União Soviética, ocasionada por maior conhecimento do que se passava lá no campo político e do verdadeiro caráter da sua revolução. Destacados e honrados militantes, como José Oiticica, Fábio Luz e Edgard Leuenroth começaram a acusar a Rússia de perseguir os anarquistas, falando em terror bolchevista. (...) A divergência e polêmica daí derivadas perduram até hoje, tendo cindido o campo operário em duas partes rivais e conflitantes, provocando acalorados debates na imprensa e nos sindicatos. Os mais acesos debates dessa controvérsia ocorreram nos anos de 1920, 1921 e 1922." (5).



Além disso, o processo de diferenciação da sociedade brasileira, que se amplia a partir do final da Primeira Grande Guerra, cria uma ala radical da pequena burguesia urbana contestatória, especialmente entre uma camada da oficialidade do Exército.

“Quatro meses após a constituição do PCB, em 5 de julho, com o levante do Forte de Copacabana, iniciava-se a série de rebeliões militares daquela década turbulenta. A classe média, os industriais e comerciantes reclamavam sua participação na governança do país, enfeixada até aí nas mãos da oligarquia latifundiária, principalmente do café.” (6).

No campo da cultura surgia o Modernismo que, em 1922, realizaria a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo. Mário de Andrade, o seu expoente máximo, dizia que

“o movimento modernista era nitidamente aristocrático. Pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido, pela sua gratuidade antipopular, pelo seu dogmatismo prepotente, era uma aristocracia do espírito.” (7).

Esse movimento, que tanta celeuma fez nas escadarias do Municipal e nos salões aristocráticos de São Paulo, ignorou a prisão de Sacco e Vanzetti. Os tenentistas, que se rebelavam, também se abstiveram de manifestar-se em favor dos anarquistas. Monteiro Lobato, por outro lado, escrevia de Nova Iorque, poucos dias antes da execução, em carta a Godofredo Rangel:

“Sinto-me encantado com a América. O país com que se sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas! E há aqui até sabiás. (...) Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d’água desde 1882, quando nasci, e só agora caio nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato, tudo como quero, como sempre sonhei.” (8).



A carta é datada de 18 de agosto de 1927 e Sacco e Vanzetti serão eletrocutados cinco dias depois.

É neste ambiente contraditório política, econômica e culturalmente que se procuram articular os primeiros movimentos de solidariedade em favor de Sacco e Vanzetti. O que impressiona, por isto mesmo, é que apesar do clima de cisões e recomposições, ele tivesse alcançado a ressonância que alcançou.

No Rio de Janeiro, onde as grandes decisões políticas eram tomadas, inicia-se, em 1922, um amplo movimento de solidariedade aos dois italianos. Essa primeira etapa do movimento terminará com um comício na praça Mauá. A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro lançou, então, o seguinte manifesto convocatório:

“Aos trabalhadores e ao povo:

Quando os camaradas dos Estados Unidos da América do Norte apelaram para o proletariado internacional que se manifestasse sobre a condenação dos trabalhadores Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, indicados a ser carbonizados na infame cadeira elétrica, tinham a certeza de que ninguém os desampararia nessa humana campanha que devia fazer recuar os assassinos juízes norte-americanos, a soldo do capitalismo.

Todos os obreiros se lançaram à luta. Em breve, no mundo, os protestos surgiam de toda parte.

O Brasil, que se acha no continente americano, não podia passar despercebido nesta justa cruzada.

No Rio de Janeiro, a Federação dos Trabalhadores fez partir os mais veementes protestos.

Organizou reuniões, comícios que produziram grandes resultados.



Agora, querendo encerrar os comícios, realizará um no próximo domingo na praça Mauá às 16 horas.

Comparecerão a esse ato todas as associações trabalhistas, representadas com os seus pavilhões sociais.

O povo em geral deve prestigiar essa manifestação, pois ele não pode estar divorciado das causas humanas.

A Federação acha inoportuno encarecer mais vossa presença.

Pede que todos os trabalhadores façam-se acompanhar de suas famílias.”.

Em outubro de 1921, no Rio de Janeiro criou-se o Comitê Popular de Agitação Pró-Sacco e Vanzetti, com ramificações em vários estados, segundo Astrojildo Pereira.

Em São Paulo também foi criado um comitê em defesa dos dois anarquistas condenados. O jornal *A Plebe* – conforme já vimos – publicou artigos em defesa de Sacco e Vanzetti. O Ateneu Libertário de Cultura Social e a Federação Operária de São Paulo também realizaram vários atos de solidariedade e de protesto.

O movimento de solidariedade cresce enormemente à medida que se aproxima a data da execução de Sacco e Vanzetti. Comícios são programados. Telegramas são expedidos, todos solidarizando-se com os condenados.

No dia da execução de Sacco e Vanzetti, houve um comício na praça do Patriarca, do qual participou “toda a classe operária desta capital”. No mesmo falaram vários oradores que condenaram a injustiça que se estava praticando nos Estados Unidos. Os trabalhadores que compareceram, à hora habitual, aos seus serviços, foram convidados, pelos colegas, a aderirem ao movimento de protesto. No Brás a maioria das fábricas foi imediatamente fechada, prosseguindo o trabalho de algumas delas até as onze, quando os operários aban-



donaram o serviço e dirigiram-se para a praça do Patriarca.

Na Lapa houve conflitos sérios entre trabalhadores e policiais que foram “aos poucos serenados”. No Ipiranga esses conflitos se repetiram: em frente à Fábrica Nami Jaffet um piquete convidava os colegas a participarem da greve e do comício de solidariedade. A diretoria da empresa, no entanto, chamou a polícia que efetuou várias prisões no local. Entre os presos, estavam três jovens operárias que se “mostraram rebeldes ao pedido de dispersão feito pelas autoridades. Depois de permanecerem algumas horas na delegacia do Brás, foram postas em liberdade.”. O movimento ganhava maiores proporções à medida que se aproximava a hora das execuções. Na estamparia A Liberty, na rua Piratininga, a polícia agiu com violência, alegando o comportamento altamente inconveniente de alguns grevistas. Às onze horas foram pedidos reforços para as fábricas Matarazzo, na Água Branca, e Crespi, na Mooca.

No Ipiranga deu-se um fato que bem mostra a rápida evolução da consciência social do operariado: no dia onze os operários da Fábrica Nami Jaffet abandonaram o trabalho, foram para a frente de uma fábrica de linhas e demonstraram aos seus colegas a necessidade de solidarizarem-se, através da greve, ao movimento de protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti. Os trabalhadores da fábrica de linhas aderiram. Na véspera da execução, os operários da Fábrica Nami Jaffet estavam trabalhando; foram os trabalhadores da fábrica de linhas que se postaram em piquetes frente ao prédio e “num grande alarido obrigaram os seus colegas a acompanhá-los no seu movimento de protesto.”.

À noite foi grande a aglomeração de populares em frente aos placares dos jornais, nos quais eram afixadas notícias das agências internacionais. Essas notícias eram discutidas acaloradamente pela multidão parada. Um grupo de trabalhadores da construção civil, que convidava os seus colegas a paralisarem o trabalho, também foi preso.



No Rio de Janeiro a situação não era diferente. Um clima de tensão apoderara-se da cidade. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos do Rio e Petrópolis lançou um vibrante manifesto no qual dizia:

“Camaradas:

É hoje o dia designado pela justiça norte-americana para o assassinio de nossos companheiros Sacco e Vanzetti.

Talvez a estas horas estejam sendo eletrocutados nossos irmãos de sofrimento e não é possível que os trabalhadores do Rio de Janeiro, principalmente os das fábricas de tecidos, permaneçam indiferentes à injustiça que representa o assassinio legal de dois trabalhadores inocentes. Os nossos camaradas de Petrópolis, como protesto pela desumanidade da ‘justiça’ norte-americana, paralisaram o movimento em todas as fábricas de lã, seda e algodão, ontem, segunda-feira, e permanecerão parados hoje, como demonstração de protesto à iniquidade e de solidariedade aos dois condenados pelo único crime de desejarem o bem-estar da humanidade. Aqui no Rio, infelizmente, só uma fábrica de tecidos de lã paralisou ontem: e hoje continuará parada. É preciso que os companheiros de todas as fábricas, sem distinção de credos políticos, acompanhem o movimento mundial de protesto contra a selvageria dos expoentes dos *dollars*.

É necessário que os operários em fábricas de tecidos não trabalhem hoje, 23 de agosto de 1927, como um protesto à eletrocussão de Sacco e Vanzetti, acompanhando o protesto altivo dos camaradas da Fábrica Aurora, aqui no Rio. A União dos Operários em Fábricas de Tecidos do Rio e Petrópolis. Que nenhum operário trabalhe hoje em sinal de protesto pelo assassinio de dois inocentes, vítimas do capitalismo. – As Diretorias.”.

Se esta era a situação no setor têxtil, o movimento de solidarie-



dade dos operários da indústria mobiliária era bem intenso. Atendendo ao apelo da Comissão Executiva dos Trabalhadores da Indústria Mobiliária, os trabalhadores dessa categoria profissional também pararam o trabalho na véspera da execução.

Os principais estabelecimentos do setor não funcionaram, especialmente as grandes empresas. Não funcionaram, em consequência da greve, as empresas Leandro Martins & Cia., C. Daubisch, Hirt & Cia., Companhia Bettenfeld, Moreira Mesquita, Ruffier, Reed Star, Viúva Magalhães & Cia., Salvador Storino & Cia., Marcenaria Auler, "A Nossa Casa", Casa Progresso, Rodrigues & Sampaio, Pace & Mos-tera, Marcenaria Vitória, Fonseca & Albino, Veiga & Pinto, Acácio & Santos, Sequeira & Cia., F. Criramo & Irmão, Otto Schutt & Filho, J. Ramalho, Vicente Miraglia, E. Jatacz Fabrega, Gimenez de Souza, J. Palermo & Cia., Casa Verde, Marcenaria Brasil, Firmino & Dantas, Companhia Brunswick, J. Antônio de Oliveira, Proença & Cia., Casa Edson e muitas outras.

A maioria desses trabalhadores, à medida que deixavam os seus locais de trabalho, dirigia-se à sede da sua Comissão Executiva. O movimento vai aumentando à medida que o tempo passa, pois ninguém sabia, ao certo, a hora em que os dois seriam executados. Tudo isto servia para dar um ar dramático à cidade que a cada momento podia receber a notícia da morte dos dois trabalhadores italianos.

Se o setor têxtil não reagiu como se esperava, no Rio de Janeiro, o mesmo não aconteceu em Petrópolis. Apesar de ter sido lançado um manifesto em comum, em Petrópolis é que se concentrará o protesto dos têxteis brasileiros.

Iniciada com vigor a greve de protesto, no dia 22, pelos operários das fábricas de tecidos Petropolitana, Petrópolis Industrial, Lanifícios Petrópolis e Corneta do Alto da Serra, alastrou-se imediatamente à quase totalidade dos estabelecimentos congêneres e de outros, culminando essa movimentação no dia da execução, com a adesão



dos trabalhadores de todos os ramos da indústria, todo o comércio e dos empregados em bondes e condutores de veículos.

Atendendo ao apelo do Comitê Pró-Sacco e Vanzetti que pedia a paralisação do trabalho e o fechamento em sinal de luto, os trabalhadores de Petrópolis aderiram em cheio ao apelo. À hora do início do trabalho, a fim de convencerem alguns companheiros indecisos a incorporarem-se à passeata que seria realizada, vários trabalhadores mobilizaram-se desde cedo nesse sentido.

A passeata terminaria com um grande comício na praça Marechal Deodoro. Ali falariam vários oradores, protestando.

Após a paralisação de todas as fábricas, inclusive as oficinas da Estrada de Ferro Leopoldina e do Alto da Serra, construção civil, bondes, veículos e o fechamento do comércio, verdadeira multidão dirigiu-se ao local do comício onde se fizeram ouvir vários oradores.

Os discursos foram inflamados e violentos, atacava-se abertamente o imperialismo norte-americano e o seu sistema interno de repressão política. Juntava-se a isto, como já era de hábito, ligar-se o protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti com a Lei Celerada, que autorizava as autoridades a deportar estrangeiros por questões políticas.

Segundo um jornal que registrou o acontecimento,

“aos gritos de vivas à memória de Sacco e Vanzetti e de guerra aos seus assassinos, de vivas à solidariedade operária e de guerra ao código infame das leis celeradas, reiterando levar a efeito um boicote aos produtos norte-americanos, aquela massa compacta se dispersou, sem registrar-se qualquer incidente desagradável.”.

Enquanto em São Paulo o proletariado se reunia na praça do Patriarca aguardando os acontecimentos, em algumas cidades do in-



terior do estado vários eventos de protesto contra a execução dos dois anarquistas foram programados, em dias alternados.

Em Jaboticabal foi realizado no dia 9 de agosto um comício na sede do centro espírita local. Fizeram uso da palavra na ocasião os senhores Francisco Velório e Zoroasto de Gouveia.

Na véspera da execução, os motoristas de praça de Rio Preto entraram em greve durante vinte e quatro horas em sinal de protesto. Outra cidade que protestou foi Duartina: os operários pararam e o comércio local permaneceu de portas fechadas na véspera da execução.

No dia 10 de agosto, em Presidente Prudente, houve uma grande manifestação de protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti, sendo responsáveis pela sua organização os senhores Augusto Gorgluo e Antônio Corrêa de Almeida.

Outras manifestações

Embora concentradas em São Paulo e Rio de Janeiro, as manifestações de protesto não se limitaram a esses dois estados. Houve, em diversas cidades, manifestações de protesto de várias formas que expressavam o inconformismo dos brasileiros diante do crime que estava sendo praticado pelas autoridades dos Estados Unidos.

Em Porto Alegre os operários do estaleiro Matilde, num total de 130, também entraram em greve de protesto. O consulado dos Estados Unidos naquela cidade ficou fortemente guardado a fim de “evitar qualquer desacato”.

Houve uma greve em Belo Horizonte, mas sobre o seu desenrolar não encontramos informações maiores além do telegrama do jornal.

Na Paraíba a notícia foi recebida com revolta. Todos os jornais locais registraram o fato, lamentando a execução dos dois anarquistas



italianos. Pouco antes da execução, a “Rainha dos Estudantes” daquele estado, Clara Otto, enviava um telegrama ao tribunal pedindo clemência.

Notas

- (1) PEREIRA, Astrojildo. *Crítica Impura*. Rio de Janeiro, 1963. p. 63.
- (2) TELLES, Jover. *O Movimento Sindical no Brasil*. Rio de Janeiro, p. 25.
- (3) TELLES, Jover. Obra citada.
- (4) PEREIRA, Astrojildo. Lutas Operárias que Antecederam à Formação do PCB. *Problemas*, n. 39.
- (5) FERREIRA LIMA, Heitor. Apresentação. In: PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Histórico e Político*, p. XXIX.
- (6) FERREIRA LIMA, Heitor. Obra citada.
- (7) ANDRADE, Mário de. *O Movimento Modernista*. Rio de Janeiro, 1942. p. 28-29.
- (8) LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2 vol., p. 302.



III. O CRIME NO PARLAMENTO

“... Uma vindita social...”

*(Deputado Azevedo Lima.
Discurso de 24-08-1927)*



Antes do crime e depois da sua consumação, houve vozes de protesto nas diversas casas legislativas. No Rio de Janeiro o vereador Alberto Silveiras ocupou a tribuna no horário destinado ao expediente. Pronunciou, na ocasião, um discurso de protesto contra a morte dos dois anarquistas italianos que estava prestes a se consumir. Terminou seu discurso dizendo que, como cristão que era, identificado com as ideias doutrinadas por Jesus na terra, não podia deixar de lavrar o seu protesto.

Outras vozes se farão sentir em outros pontos do território nacional. Mas, o ponto mais destacado e contundente entre as manifestações de protesto foi o discurso do deputado Azevedo Lima, logo após as duas execuções. Tendo sido apoiado por um bloco de esquerda, era tido como o representante da *extrema-esquerda*. Começou afirmando:

“Muito propositadamente a minha voz não se fez ouvir neste recinto, a fim de bordar apreciações em torno do caso sensacional que envolvia o processo criminal urdido na América do



Norte, pela justiça desse país, contra as duas vítimas que, há pouco mais de vinte e quatro horas, foram fulminadas pela sentença inexorável da magistratura ianque.

Não é do meu costume rogar a piedade ou impetrar comiseção da justiça nacional, e muito menos poderia fazê-lo em relação à alçada da justiça estrangeira, embora um movimento geral de revolta e indignação, no universo, protestasse contra a iniquidade que se perpetrava.

Preliminarmente, não deveria eu tomar parte no coro das reclamações mundiais, por não ter fé alguma na equidade e na justiça da judicatura burguesa; secundariamente, porque desejava evitar fosse a minha intervenção no seio do recinto do Congresso brasileiro averbada de prejudicial – como, relativamente a outras intervenções se fez – à causa que então se pleiteava.

A justiça americana, insensível ao clamor unânime dos que se dizem arautos do sentimento liberal, consumou, afinal, a tragédia de Boston, fruto da luta de classes levada até o seu termo final pela pressão implacável da burguesia dos Estados Unidos.

O crime, que acaba de macular, para todo o sempre, os princípios de justiça e liberdade da magistratura da grande República, deverá servir, também, de futuro, como exemplo e atestado da impossibilidade de uma injustiça equânime e eficiente, distribuída pelos órgãos ambíguos e suspeitos dos agentes da burguesia internacional.

Aqueles mesmos que não acreditam, de todo em todo, no conflito de classes e não participam das novas ideias sociais que agitam os alicerces do edifício mundial, reconhecem, animados do espírito de justiça comum, que o ato de vingança praticado pelos juízes americanos excedeu os limites compatíveis com a própria segurança e estabilidade do Estado burguês.



Não raro são esses mesmos que identificam nessa vindita social um ato verdadeiramente contraproducente e prejudicial aos interesses da ordem capitalista.

A classe proletária universal, cujos ecos de clamor percorreram o mundo, deve colher, no exemplo dessa tremenda e inexorável injustiça, a prova mais clara e concludente da impossibilidade de conciliação, de colaboração de classe, uma vez que a justiça americana, agindo evidentemente sob o império das injunções capitalistas, preferiu levar por diante, custasse o que custasse, a execução da sua sentença injustificável a ter de capitular em face do protesto universal, a ter de enveredar pelo caminho que seria o primeiro passo no desprestígio da justiça burguesa.

A vitória desse episódio da justiça americana servirá, ao menos, de exemplo aos espíritos dúbios e hesitantes dos trabalhadores ainda iludidos e mistificados pela falácia demagógica do liberalismo, servir-lhes-á como exemplo de desilusão definitiva e de desespero completo.

Não será possível a salvação do proletariado, cuja aspirações encarnavam duas das três vítimas ontem sacrificadas em Boston, senão com a edificante opção do conceito do conflito franco e irremovível entre os interesses da classe que trabalha e os da classe que explora o trabalho.

O mesmo imperialismo anglo-americano, solidamente entronizado no imperialismo internacional, em holocausto do qual se sacrificaram as duas vítimas da sanha da justiça americana – Sacco e Vanzetti –, foi o que, há poucos dias, ditou ao nosso governo pelo órgão do inglês a votação, dessa hedionda medida legislativa que será para todo o sempre, na nossa atividade legiferante, um marco indelével de opróbrio e ludíbrio. É ela também que, desde algum tempo, vem inspirando aos legisladores do Brasil todas as leis de coerção e repressão, iniciadas



com a expulsão de estrangeiros, prosseguidas na de repressão das ideias pela imprensa comum e, finalmente, agora, culminadas na lei ‘celerada’, na nunca assaz condenada lei ‘celerada’.”.

Continuando a fazer ligação entre o caso de Sacco e Vanzetti e as leis de exceção tomadas no Brasil da época, afirmou Azevedo Lima:

“Algumas vantagens, porém, já se deixam perceber, como consequência dessa legislação negativa e energúmena, que não tem sequer assento nos conselhos da oportunidade e nas lições da tradição histórica.

A lei de expulsão, executada ultimamente, de maneira mais intensa, já está gerando para a economia brasileira os frutos nefastos da imbecilidade de que é a expressão. As correntes imigratórias que se canalizavam para o nosso país, desviam-se, de alguns meses a esta parte, para outras repúblicas sul-americanas onde o sentimento de reação política, inspirado pela deficiência mental dos estadistas, ainda não chegou à adoção de medidas tão draconianas. E irei provar a breve trecho, a modificação que se operou no coeficiente dos imigrantes antes e depois da lei de expulsão dos estrangeiros, exibindo à Câmara, também, subsídios numéricos incontestáveis da extraordinária, da manifesta, da invejável prosperidade que há produzido, em outros países da América do Sul, notadamente na Argentina e no Chile, o crescimento gradativo e paulatino da caudal de imigrantes estrangeiros. Hei de demonstrar, mais dias menos dias, por meio de algarismos absolutamente irrejeitáveis, que a República brasileira, malgrado a estulta veleidade dos que a dirigem, não passa de mera colônia do imperialismo anglo-americano, tamanhas, tão consideráveis, tão extraordinárias são as somas de capital alienígena invertido na mobilização das nossas indústrias.

País assim tributário da finança alheia, insensivelmente escri-



vizado ao capitalismo internacional, não tem o direito, nem lhe sobra autoridade moral para, por intermédio dos órgãos de mais responsabilidade entre os que governam os seus destinos, averbar de suspeitos os que defendem as novas ideias reivindicadoras, sob o fundamento de que possam estar subornados ao ouro de Moscou.

Se houvesse, efetivamente, notável influência desse famigerado ouro sobre os movimentos partidários do país; se o numerário canalizado para as nossas plagas não fosse simples ficção de exploradores políticos, mas verdadeira e palpável realidade, eu não teria dúvida em afirmar que o Congresso Brasileiro, que o Poder Executivo, que todas as autoridades da República colaborariam fatalmente para que semelhante lei de perseguição à nova política não fosse aprovada.

O ouro de Moscou teria prestígio tão grande, tão universal, que seria capaz de abalar a consciência dos responsáveis pelos destinos de qualquer país como o ouro anglo-americano influi, de maneira visível, verdadeiramente apreciável, nos destinos da nossa República e na gestão dos nossos negócios?

Proponho-me, Sr. presidente, fazer em breve a documentação irrecusável desta minha asserção.

Não vim, pois, à tribuna, como disse de princípio, prantear a morte das vítimas da implacável justiça americana autora da maior enormidade jurídica que tem registrado os fatos judiciais. Uma vez que está consumada a tragédia, faço apenas questão de consignar nos *Anais* desta Casa do Parlamento brasileiro, não o meu protesto, mas a minha afirmação de que o proletariado nacional, orientado por esse exemplo de iniquidade social, deverá perder as últimas ilusões quanto à possibilidade de uma justiça burguesa e, rompendo os últimos vínculos que ainda o unem à política capitalista de minha terra, adote, defini-



tivamente, malgrado todas as *leis celeradas* já votadas e que ainda venham a ser votadas, a política revolucionária contra os da outra banda, os únicos que podem estar na outra banda, sejam democráticos ou antidemocráticos, liberais ou antiliberais – os reacionários, em suma.”.



IV. CLAMOR DAS MANCHETES

**“As consciências dos homens livres
continuam de luto.”.**

*(Manchete de A Manhã,
Rio de Janeiro, 24-08-1927)*





ANO II - N. 35

A Manhã

Director-gerente: MARIO RODRIGUES

N. 34-617



6-12

A consciencia dos homens livres continúa de luto

Em todo o mundo, avolumam-se os protestos contra o assassinato de Sacco e Vanzetti

Os cadaveres dos dois trabalhadores serão passados, profissionalmente, por varias cidades americanas



A essa altura de luto, os Estados Unidos, representam o primeiro passo de um mundo.

Um novo mundo de liberdade e de justiça, onde os homens livres se unam para defender os seus direitos.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

O proletariado norte-americano não compactua com os algozes de Sacco e Vanzetti!

Como foi recebida em Nova-York a noticia da electrocção dos dois trabalhadores

"DE PÉ, OH VICTIMAS DA FOME!"

Em 21 de Agosto de 1927, a cidade de Boston, Massachusetts, recebeu a noticia da execução dos dois trabalhadores Sacco e Vanzetti.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.



Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.

Os Estados Unidos, ao declarar a sua inocência, mostram-se o primeiro passo de um mundo.



Draper, o meu pai

Os jornais brasileiros, de um modo geral, manifestaram-se contra a execução de Sacco e Vanzetti. Tanto a chamada grande imprensa como aquela que hoje chamamos de imprensa alternativa (como *A Plebe*) noticiaram o desenrolar dos acontecimentos. A primeira, noticiando. A segunda, protestando e programando atos de solidariedade aos dois anarquistas.

Em todo o Brasil os jornais de esquerda, especialmente quando ficou certa a sua execução, pediam as vidas de Sacco e Vanzetti, embora não concordando com as suas ideias anarquistas.

Alguns jornais, porém, se destacaram na campanha pela sua libertação: *A Manhã*, do Rio de Janeiro, foi um deles. Era dirigido por Mário Rodrigues, tendo como diretor-substituto Osório Borba, redator-chefe Milton Rodrigues e secretário Danton Jobim. Desse jornal partiram as mais veementes denúncias contra as arbitrariedades praticadas contra os dois anarquistas. Já em 1922, *A Manhã* publicava notícia sobre a realização de um ato público na praça Mauá, na qual a



Federação dos Trabalhadores em Marcenarias convocava o povo para um comício de solidariedade a Sacco e Vanzetti.

Efeitos da solidariedade

Nesse mesmo número, o jornal publicou um artigo com o título acima. Dizia o articulista, que se assinava *José Marinero*:

“Ao terminar o processo Sacco e Vanzetti no Tribunal de Dedham, Massachusetts, no dia 14 de julho de 1921, o juiz Webster Thayer tinha designado o 1º de novembro para fixar o dia e a hora em que os nossos queridos companheiros tinham de ser eletroexecutados pelos mercenários a serviço do Estado, e pagar o ‘enorme’ e ‘imperdoável’ delito de terem dedicado seu tempo livre à propaganda dos ideais que em dia não longe redimirão a humanidade inteira do jugo opressor da tirania burguesa.

Mas antes que aquele triste dia amanheceria, dia em que o sol ocultaria sua luz, envergonhado de tal ignomínia, o proletariado consciente e rebelde de todos os países, sempre alerta para sair em defesa de seus irmãos de classe, crispou os punhos e gritou em tons enérgicos ante a classe privilegiada – ‘Assassinos!’ – e, com toda a força das suas convicções, reclamou a liberdade imediata das vítimas da guerra de classes para evitar um crime que, qual mancha inapagável, permanecerá sobre as gerações futuras.

Em busca da justiça choveram cartas e telegramas nas repartições dos funcionários públicos, enquanto todos os povos da terra protestavam contra a criminoso burguesia *yankee*, a qual tremeu por um momento diante dos crispados punhos e gritos ameaçadores do proletariado militante internacional e aqueles momentos de incertezas, ao realizar-se ao lado dos seus representantes no estrangeiro, também os anarquistas, temos nossos grupos, não fizeram mais do que retardar um mês mais aquele



que tinha de anoitecer imprimindo nas ensanguentadas páginas da História uma tragédia a mais para os mártires do ideal e o nosso já repleto álbum revolucionário.

Era, então, 1º de dezembro a data que nós esperávamos com certo temor, como aquilo que encerra algo de incerto e misterioso, cujos resultados se ignoram.

Chegado esse dia, se anunciou outro prorrogamento de vinte dias mais, parecendo que os trabalhadores voltariam ao silêncio normal e os crimes seriam cometidos livres dos protestos mundiais...É agora, vinte de dezembro, o que esperamos com intranquilidade. O jesuíta Webster Thayer e outros lacaios ao serviço da burguesia, depois de haverem cometido tão cobarde assassinato, volverão às suas casas, como bons cristãos, a celebrar em companhia de suas famílias as festas de Natal, enquanto lá em uma aldeia agrícola do Piemonte um velho, angustiado pela dor, pede aos trabalhadores da América que lhe devolvam seu querido filho, enquanto aqui duas inocentes criaturas perguntam à sua mãe quando volta à casa seu papai que a mão criminosa da lei sem titubeações deixará carbonizado em nome da justiça, para aumentar o número dos filhos sem pais e viúvas, como consequência da guerra brutal que a burguesia tem lançado aos povos da terra.

Mas temos fé em que o proletariado de todos os países compreenderá o perigo desta situação criada por um grupo de avaros capitalistas e continuará a luta já empreendida para obrigar os nossos opressores a devolverem à liberdade e às suas famílias Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti.”.

O artigo traz a data de 6 de dezembro de 1921.

É, porém, com o esgotamento dos últimos recursos pelos defensores de Sacco e Vanzetti e a certeza de que não haveria mais ape-



lação, que a imprensa brasileira rearticula uma campanha visando a libertar os dois anarquistas.

Crime social

A Plebe, de 6 de agosto de 1927, com o seu estilo inflamado, publicou como manchete:

“O BÁRBARO CRIME SOCIAL VAI SER CONSUMADO.”.

No subtítulo da matéria, lia-se:

“A hiena insaciável do capitalismo não atendeu ao brado de justiça de todas as consciências sãs do mundo inteiro – contra as gerais manifestações dos sentimentos de humanidade venceu o espírito de casta da burguesia.”.

Em seguida, publica um artigo sobre os dois anarquistas:

“A GRANDE INFÂMIA. Sacco e Vanzetti foram condenados à morte. A sentença será executada no dia 11 do corrente, tendo sido os dois mártires transportados desde já para a ‘Casa da Morte’. Daqui mais alguns dias a tragédia se efetuará.”.

Dizia o artigo:

“Embora todo o mundo proteste ante a iniquidade da sentença, os distribuidores da justiça americana, inexoráveis, cruéis, como a Bíblia de que se alimentam, querem oferecer à face dos povos escravizados pelo guante do capitalismo, o imponente espetáculo da intangibilidade do direito e da justiça burguesa.

Embora se confessem tacitamente errados, os ‘honrados’ juízes do polvo capitalista, a fim de salvaguardar o princípio de uma doutrina de justiça inquisitorial num tremendo desafio à humanidade, não trepidam sacrificar a vida de dois homens, de dois anarquistas, de dois sonhadores da redenção.



Renova-se assim a tragédia de Chicago.

Sacco e Vanzetti, Parsons, Spies, sonhadores, idealistas, sacrificados em holocausto aos seus princípios de amor e solidariedade – quando será o dia em que o rubro sol da cólera do povo, aos gritos de Basta de explorações! Basta de crimes – rolar pelo mundo afora imponente, vitoriosamente belo?

Sacco e Vanzetti irão ser sacrificados, morrerão à consagração de seu ideal.

A anarquia, porém, jamais morrerá.”.

Os jornais que defendiam os dois anarquistas também tomavam posição contra o que eles apelidaram de *lei celerada*, ou seja, a lei que consistia basicamente na expulsão de estrangeiros do país por questões políticas. Há mesmo quem ligue os dois problemas – como é o caso do deputado Azevedo Lima, na Câmara Federal –, no que devia haver uma grande dose de verdade, pois o Brasil enfrentava uma crise política seríssima e procurava, já, aquelas armas repressivas sem as quais o bloco do poder não podia resistir.

No mesmo número de *A Plebe* que fala como sendo uma grande infâmia a condenação de Sacco e Vanzetti, há um editorial sobre a *lei celerada*, violentíssimo e que diz o seguinte:

“De um dia para outro, de improviso, um desses anônimos que vivem a sugar do sacrifício do povo 200\$000 diários para executar as ordens de quem manda, a mandado do seu patrão supremo, furtivamente apresentou o tal projeto, estúpido sob todos os pontos de vista, na redação, no seu objetivo e no seu feitiço geral.

E como nesta terra manda quem pode, todo aquele amontoado de criaturas invertebradas se movimentou para cumprir a ordem suprema.



A lei passou a correr pelos trâmites parlamentares e já lá está no Senado, onde o mesmo indecoroso espetáculo vai ser representado. Tudo está preparado para que, dentro de breves dias, a lei do supremo arrocho receba a sanção presidencial e passe a fazer parte dessa coleção já volumosa de determinações *legais* que, de há anos a essa parte, vêm sendo forjadas com o fim de esmagar a classe trabalhadora, impedindo que as vítimas da infame exploração capitalista reclamem os seus direitos, protestem contra o regime de miséria permanente a que as submetem a ganância insaciável dos argentários internacionais que vivem a acumular fortunas colossais à custa do sacrifício do povo.

Vai, pois, o governo ficar armado da autorização legal de fechar quando entender as associações operárias, de suspender a publicação de seus jornais, de prender, processar e deportar os trabalhadores que não estiverem nas graças dos exploradores do seu esforço produtivo.

Para darem uma aparência de justificação a mais essa infâmia legislativa, cujo único objetivo é perseguir a classe obreira e garantir a digestão de jiboia dos capitalistas vindos de todas as partes e que transformaram isto aqui em território de concessões, espalharam pelas colunas da imprensa mercenária uma ridícula história, em que o Brasil aparece dominado pelo ouro de Moscou e ameaçado de uma revolução horrível, cheia de transe trágicos e terrificantes.

Somente quem não tem dois dedos de bom senso aceitou essa formidável patranha, muito mal engendrada.

O importante, porém, para eles, os magnatas da época, era assustar o ignorante burguês e a gente ingênua, criando um ambiente favorável à justificação do horrendo aborto parlamentar.

Nada disso, porém, era preciso, pois quem governa o Brasil



nunca, e mormente agora, teve necessidade do assentimento da opinião pública para a execução dos seus intentos, embora ponha em perigo toda a estrutura jurídica do país.

Posso, quero e mando – eis a base do regime republicano democrático do Brasil. O povo só entra em conta como besta de carga, que deve trabalhar sempre, receber a migalha que cair dos banquetes fartos da canalha graúda e ainda dar graças a todos os deuses por os deixarem vegetando até arrebentar de miséria (...). O trabalhador estrangeiro para aqui atraído com mil promessas deve contentar-se em ser uma máquina produtiva em proveito da corja endinheirada. Nada de ter opiniões e muito menos de tentar expendê-las. Há de contentar-se com a situação de penúria a que o submeteram os interesses sem limites dos senhores deste grande feudo.

Se o obreiro se atreve a reclamar mais pão, melhor abrigo, uma situação mais humana, atiram-no para o porão do primeiro navio a sair e lá segue ele deportado como elemento perigoso, perturbador da ordem do país.

Associar-se, fazer greve para reivindicar os seus direitos, passou a ser crime de lesa-pátria.”.

Por aí além vai o editorial, para terminar afirmando:

“Sempre se prendeu, perseguiu, espancou e deportou os trabalhadores pelo simples capricho de reles espoletas policiais ansiosos de cair nas graças dos poderosos do momento.

Tudo isto passará a ser feito doravante sob a capa da lei. É o regime da mais infame tirania que se estabelece para o proletariado.”.

De fato, os dois eventos não estavam desligados. A *lei celerada*, no Brasil, e a condenação de Sacco e Vanzetti, nos Estados Unidos,



se interligavam como mecanismos criados pelo imperialismo para defender-se internamente e, ao mesmo tempo, conseguir total segurança de investimentos nos países satélites. Tudo isto, é evidente, no bojo dos primeiros – mas nem por isto menos relevantes – sintomas da crise geral do sistema capitalista.

Ainda no mesmo número, *A Plebe* estampa um artigo intitulado *A Perseguição*, no qual o autor liga a onda de prisões havidas em São Paulo ao caso Sacco e Vanzetti. Dizia:

“Sem que de longe pudesse apresentar um motivo qualquer que pudesse dar aparência de justificação à sua ação, a polícia de São Paulo iniciou uma sistemática perseguição contra o elemento trabalhador, prendendo a esmo todos aqueles que são apontados como tendo prestado qualquer auxílio ao trabalho de organização da classe operária.

À porta das associações ou das oficinas, em suas residências, nas ruas, por toda parte enfim, está a polícia a perseguir os trabalhadores que os agentes do capitalismo indicam como defensores dos interesses das vítimas de uma exploração revoltante que vem se exercendo em todos os ramos da indústria.

Tendo atravessado um período de feroz reação, que fez um grande número de vítimas em seu seio e perturbou todo o trabalho da vida associativa, as organizações operárias de São Paulo vêm apenas tratando de normalizar os seus trabalhos, dentro da mais absoluta calma, sem que nenhum movimento se tenha manifestado, embora motivos sem conta houvesse para isso, tal a situação de penúria e de opressão criada pelo patronato, que soube aproveitar-se do período do Estado de sítio para tornar ainda mais penosas as condições do operariado.

Seguindo a agitação internacional sustentada com o intuito de conseguir a libertação de Sacco e Vanzetti, têm sido realizados



diversos comícios que sempre se desenvolveram dentro da mais inteira ordem.

Isto que está sendo feito em todo o mundo, com a participação de elementos de todas as classes sociais, também não poderia servir de pretexto, perseguição odiosa, sob qualquer ponto de vista.

Qual o motivo do que está passando? Simplesmente a exploração clamorosa de que é vítima. Para os operários não há direito de associação. É um crime constituir sindicatos onde se trate da educação social dos trabalhadores e se patrocine os seus direitos espezinhadados. Aproveitar os poucos momentos que o penoso trabalho deixa no trabalho associativo constitui falta passível de perseguições, de castigos, de prisões e de expulsão, quando se trate de obreiros vindos de outros países.

Somente aos patrões é permitido fazer tudo: explorar, oprimir, maltratar à vontade. Podem associar-se sob a proteção das leis, e em seus centros assentar todas as medidas tendentes a aumentar os seus fabulosos ganhos, mesmo à custa do sacrifício do povo, prejudicando o fisco, burlando as leis, formando conluios contra as mesmas, como presentemente está acontecendo quanto à lei relativa ao trabalho dos menores.”.

Depois de uma série de denúncias, o artigo conclui protestando contra essas prisões. Dá, então, os nomes dos operários presos:

“Lançamos contra tantas infâmias o nosso veemente protesto, chamamos a atenção dos trabalhadores para esta situação, que, de maneira flagrante, vem ainda uma vez demonstrar que apenas consigo poderá contar e que, portanto, tem de tratar de formar uma consciência de classe e cerrar fileiras para defender-se da perseguição sistemática que lhe movem os elementos a serviço do capitalismo ladravaz.



Pelas informações que obtivemos já foram presos os seguintes trabalhadores: Agostinho Farina, Salvador D’Alessandro, Nicolau Festa e João Perez, dos sapateiros; José Ramon, Pasqual Graziano, da construção civil; Aristides Lobo, ferroviário; Nerval Silva, dentista; José Righetti, Ítalo e Ricardo Benazzi e Domingos, dos tecelões; Edgard Leuenroth, empregado no comércio e Domingos Passos, carpinteiro.” (1).

Os jornais democráticos colaboravam não apenas noticiando os atos públicos preparados pelos trabalhadores – conforme veremos adiante –, mas analisando e interpretando o caso através dos seus comentaristas. Mas os grandes espaços e as grandes manchetes nos dias que antecederam a execução foram dedicados a Sacco e Vanzetti. No dia em que noticiou a morte de Sacco e Vanzetti, *A Manhã*, do Rio, dava como manchete:

“AOS PRIMEIROS MINUTOS DA MADRUGADA DE HOJE, NICOLA SACCO E BARTHOLOMEU VANZETTI DEIXARAM DE EXISTIR!”

A matéria tinha como subtítulo:

“O primeiro foi executado às 12,12 e o segundo às 12,25 – em São Paulo declararam-se em greve mais de 50 mil ‘trabalhadores, tendo a polícia efetuado várias prisões.”.

A Tribuna, de Santos, do dia 5 de setembro de 1927, dedica toda a sua primeira página à execução dos dois anarquistas, com inúmeras fotografias. Aliás, é uma página gráfica sobre o crime. O título da matéria era: “O SACRIFÍCIO DE SACCO E VANZETTI”. Reproduz fotos das duas vítimas e de outras personagens do drama.

Apocalipse

No dia 24 de agosto de 1927, com o título acima, o jornal *A Manhã* publicava o seguinte editorial:



“O assassínio brutal da madrugada de ontem, consumado em nome dos ódios de uma justiça de classe, abalou a consciência do mundo. Nem por se ter retardado por sete anos o espantoso sacrifício dos dois hereges do dogma capitalista, o desfecho teve menor repercussão, arrancou menos lágrimas e clamores menos eloquentes. O grito de dor e de cólera, em que as multidões proletárias ululam, neste momento, sobre toda a face da terra, condenando a infâmia bestial, no bramir dos comícios oceânicos de cada cidade, define um estado de alma universal.

A civilização que, durante os anos de martírio dos dois trabalhadores, clamara incessantemente aos ouvidos surdos dos juizes da grande democracia – da grande mentira democrática – o seu horror ante aquele atentado monstruoso, não se conforma à evidência do fato consumado. O crime dos juizes norte-americanos avulta como um desses acontecimentos de pequena significação aparente, mas que têm assinalado uma era nova, no curso da História. Um mundo novo germina hoje no seio das sociedades tumultuárias, trabalhadas pelo ódio surdo e implacável dos antagonismos de classe. Os arremessos estúpidos da força, gerando cóleras irrefreáveis, desafiando a revolta das coletividades oprimidas, como o que ontem fez estremecer a consciência do mundo civilizado, precipitam o desfecho dessa luta ciclópica. Somente os obcecados pelo preconceito, os dementados pelo ódio, os que o espírito de seita ou de classe desvaira e cega, não têm a inteligência do perigo das reações excessivas e brutais. Foi esse miserável espírito sectário que procurou sacrificar, nas vidas dos dois anarquistas, a dignidade da grande classe e os seus assomos de redenção. A força lúgubre agora epilogada excede, sem dúvida, em maldade, os maiores e mais torvos erros judiciários de todos os tempos. Erro de certo modo confesso, nas razões deploráveis dos juizes e dos governos que, desajudados de provas, exigiram, por fim, a consumação da pena em



homenagem ao 'decoro' da justiça e à segurança do regime, nele se entreteceram as intrigas e as mentiras mais monstruosas.

A iniquidade culminou no assombroso absurdo de uma condenação em nome de uma dúvida. Negou-se um dos princípios universais e intangíveis da sabedoria jurídica. Quando todos os indícios se tinham desvanecido, todas as infâmias haviam sido desmascaradas, todos os enganos, os perjúrios, as misérias da trama infernal, urdida contra os acusados, já não subsistiam, restava aos algozes o argumento do ódio. Era preciso que Sacco e Vanzetti morressem!

É que, atrás do monumento da hipocrisia e de iniquidade das leis, atrás do baixo fanatismo dos juízes sectários, velava o olho diabólico da alta finança, o Moloch moderno, que jurara o extermínio dos homens em que já então simbolizavam os ideais da classe inimiga.

A marcha do processo autenticou todas as infâmias desse trabalho secreto. A Ku Klux Klan ressurreta, nutrida dos dólares de 'Wall Street', que interviera no processo por todos os meios escusos, arregimentou testemunhas perjuras, espalhando o terror e a corrupção, envenenando todas as fontes de verdade dos fatos.

A vasta e impressionante literatura que o processo inspirou, mobilizando as consciências honestas na grande tarefa de investigação e reabilitação da verdade, surpreendeu todas as tortuosidades desse triste episódio e apontou ao julgamento dos executores da lei, os potentados da indústria, os antigos patrões de um dos acusados, que contra ele se armaram de testemunhas falsas. Mostrou as contradições cínicas, os inverossímeis dessas testemunhas mercenárias. Evidenciou a mentira dos indícios que primitivamente pesavam sobre os dois trabalhadores. Mas, as autoridades judiciárias se obstinaram na monstruosa iniqui-



dade que a inclemência do Executivo manteve contra todas as evidências.

Grandes expoentes da cultura jurídica, sábios universitários, espíritos de excelsa sensibilidade humana fulminaram a brutal incompreensão e a tranquila crueldade dos juízes fanáticos, juízes de uma miserável justiça de classe, a justiça da opressão capitalística, implacável para com o braço proletário que ousa levantar-se acima dos horizontes de uma sociedade fundada no cativeiro econômico.

‘Não pode haver perigo mais funesto para as democracias do que os princípios absolutos’. Assim um filósofo advertiu os injustiçadores de Sacco e Vanzetti, das consequências do seu nefando atentado. Agora que ele se consumou, as multidões trabalhadoras de todas as partes do mundo levantam os punhos sobre as fronteiras, anatematizando a covardia feroz do inimigo. Em Nova Iorque, a multidão, recebendo a notícia da consumação da infâmia, ergueu sobre as lamentações e o choro convulso das mulheres e das crianças, em cântico viril, as estrofes épicas da *Internacional*. Terão os cegos e os surdos do capitalismo opressor e imolador de inocentes meditado o sentido profundo dessa voz apocalíptica?”.

Odisseia da redenção

Em estilo não menos veemente, manifestou-se o jornalista Mário Rodrigues no jornal *A Manhã*, de 23 de agosto de 1927. Com o título *Odisseia da Redenção*, começava ele:

“(…) Dizem os telegramas que Sacco e Vanzetti estão perdidos irremediavelmente. Talvez apareça nesta edição a notícia do sacrifício odioso dessas vidas humanas, mortificadas de sobra em sete anos de presídio. Contra o assassinio nefando, levanta-se o clamor de toda a humanidade; o mundo inteiro sofre os horro-



res da tragédia a esta hora; revolta-se a consciência dos povos; mas, a tamanhos reptos da alma universal, se sobreleva o fetiche das leis, a miséria das fórmulas, a infâmia dos preconceitos: a justiça americana sentenciou e não há como lhe obstar a frieza inclemente dos arrestos!

Hedionda justiça. Não se satisfaz com o martírio dos mortos-vivos que as cadeias torturam, a cada momento, durante eternidades. Nutre-se do furor sádico, triturando presas inermes, ou matando defuntos que se amortalam em vida. Não sabe perdoar. Não sente. Não se comove. A carantonha molda-se-lhe na pedra e só se anima de arestas repulsivas. Supõe-se a quintessência das civilizações requintadas e despercebe-se da fragilidade das contingências humanas de que ressumbra o seu espírito falível. Eu a odeio, odeio essa comborça odienta, cujo ventre, presumido de fecundar-se ao raio divino do sol, supura a gangrena de avarias torpes, gerando os grandes erros, as iniquidades calamitosas. Sacco e Vanzetti! A cadeira elétrica torrá esses corações, mas a eletrocussão determinará tal revolta de hemisfério a hemisfério, que maldita ficará sendo ao correr dos séculos a raça empedernida dos juízes implacáveis, cujos ouvidos se trancam aos gritos de inocência, de desarmados, para não os examinar, nem reter. Eu, da minha humildade, odeio a abjeta organização legal que, depois de genufletir aos pés dos bezerros de ouro, se desvaira de cio, a multiplicar os suplícios dos fracos. Da minha insignificância eu prevejo o dia da terrível revindita, do formidável ajuste de contas, em que os castigos de Deus estrelejarão, definitivos, desse monstruoso acervo de crimes da precária justiça humana e das fátuas leis humanas, jactanciosas da sabedoria eterna, atributo sagrado dos céus. Sacco e Vanzetti! Tornar-se-ão lemas, símbolos, bandeiras da cruzada geral que as nações, sequiosas de direito, e os povos, unidos pela solidariedade da mesma angústia, hão de desfral-



dar, um dia muito próximo, contra a ignomínia dos assassinios legais. Dia virá, que não tarde, a fim de refulgir sobre os destroços dessa cultura de dólares e batatas, na qual falta lugar para a clemência. Oh! civilização maldita, que se ceva na morte! Oh! maldito verme!

Não choremos, contudo, a imolação de Sacco e Vanzetti... Dela raiará a alvorada.”.

O assassinio de Sacco e Vanzetti

Ainda no *A Manhã*, do Rio, com o título acima, saía no mesmo dia o seguinte artigo:

“Há vinte e quatro horas que pesa sobre as nações o luto moral da morte de Sacco e Vanzetti.

Os telegramas de todas as partes civilizadas da terra dizem com eloquência o que tem sido esse protesto viril da consciência universal contra a bárbara eclosão de um preconceito que, em nome da liberdade, da lei e da razão, eleva até o dogma a infalibilidade política da justiça e se arvora o direito divino de matar para redimir a espécie.

Essa obsessão revela uma consciência primitiva, incompatível com a cultura dos povos.

A Justiça de Massachusetts, admitido que seja o controvertido princípio penalógico da morte, não o aplicou a réu de crime comum, única espécie jurídica em que o admite a filosofia penal.

Não. Não foi o delito codificado que levou à cadeira elétrica Vanzetti e seu companheiro. O debate amplo do processo e a crítica vigorosa que ele sofreu, por parte dos próprios juriconsultos norte-americanos, deixaram evidente a falência da prova levantada na formação da culpa dos dois indiciados. O que fi-



cou de pé foram as ideias políticas de ambos e o que se deu foi o choque de convicções. Em nome destas, porém, não se erguem patibulos em pleno meio-dia da América no próprio pedestal da Estátua da Liberdade. O absolutismo democrático é a mais funesta das autocracias, porque elege o princípio da força para as gargantas que querem gritar – e fá-lo em nome do pensamento livre...

Que a liberdade é uma concepção jurídica está certo; que a concepção jurídica negue a liberdade está errado.

E esse foi sem dúvida o grande erro da Justiça de Massachusetts.”.

Uma indiferença tocante

O sentimento do povo brasileiro contra as estruturas de poder daquele país muitas vezes extrapolou e passou a julgar o cidadão norte-americano, especialmente aquele que se dirigia ao Brasil, como cúmplice do assassinio legal.

Por isto mesmo o jornalista Raphael Corrêa de Oliveira – que foi depois um dos grandes articuladores da campanha pelo monopólio estatal do petróleo – escrevia no jornal *Praça de Santos*, de 30 de agosto de 1927:

“À hora em que eu redijo este comentário não há, ainda, notícias de Redfern, tudo indicando que o avião norte-americano pereceu em meio da sua ousada aventura. E, no entanto, chega a espantar a indiferença com que o público vai recebendo as informações do desastre. Ninguém se preocupa com a sorte do desditoso avião, que desaparece sem merecer ao menos as simpatias que a desgraça provoca sempre.

Mas, por que essa atitude singularmente fria num povo sentimental como o brasileiro?



Nós vimos o interesse que despertou o arrojado voo de Saint-Romain. Toda gente ansiava por saber o paradeiro do 'ás' francês. E cada desejo pelo seu aparecimento era uma prece fervorosa dirigida à Providência divina, implorando a salvação do bravo navegador do espaço. Os dias passavam. E sobre os dias, os meses. O coração brasileiro, porém, palpitava sempre: na esperança de ver surgir das águas verdes do Atlântico, salvo e glorificado, o visconde de Saint-Romain.

Mas – insistimos na pergunta –, por que a indiferença em face da desgraça de Redfern? Como Saint-Romain, ele é filho de uma grande nação amiga, e, como o francês, vinha em busca da terra brasileira. Ambos valentes, ambos ousados, arrostando com igual coragem o mesmo perigo, justo era que ambos merecessem de todos nós o mesmo interesse e a mesma simpatia como Ramon Franco, de Pinedo, Sacadura e Gago Coutinho mereceram os nossos aplausos, as aclamações entusiásticas do nosso povo.

Só encontro explicação para o caso no assassinio de Sacco e Vanzetti. O horror que causou ao mundo a frieza desse crime bárbaro também foi aqui sentido. E o movimento de repulsa universal ao gesto trágico da Justiça de Massachusetts expandiu num ímpeto tamanho que envolveu toda a nacionalidade norte-americana.

Bem se vê que o povo *yankee* não é o responsável por esse delito da força bruta contra as ideias. E dentro da própria pátria de Lincoln, os protestos explodiram em nome da humanidade e da razão contra o atentado feroz. O delito do governador Fuller tornou-se, todavia, um delito nacional. E jamais haverá poder de argumento que faça o mundo não ver em cada norte-americano um matador de Sacco e Vanzetti. São esses arremessos da cólera coletiva que a razão nunca pode controlar. A eles se deve



a condenação sistemática que a França revolucionária fazia de quantos pertenciam a urna linhagem aristocrática. Só por eles se podem explicar as barbaridades do Tribunal Maillard...

A América do Norte é hoje, na sentença condenatória com que a fulmina a consciência universal, nada menos que vítima do erro criminoso dos seus burocratas.

E a prova está no insucesso de Redfern, que todos olham sem piedade – os místicos julgando-o obra do castigo divino, os simples sentindo pelo acidente o prazer satânico de uma vingança.

E é assim que a injustiça feita a Sacco e Vanzetti determina outra injustiça, que, infelizmente, não há de ser a última.”.

A bacía de Pilatos

Os jornais conservadores, porém, mantinham-se numa posição reticente. O *Estado de S. Paulo* era muito mais sóbrio do que *A Pátria*, *A Manhã* e outros jornais que abraçaram publicamente a causa dos anarquistas italianos. Quase se limitava ao serviço informativo. No dia 5 de agosto de 1927 publicava em sua primeira página, com título em duas colunas: *A SENTENÇA FULLER*. Seguiu-se a matéria:

“Boston, 3 (UP) – O sr. Fuller, na sua decisão sobre o caso Sacco e Vanzetti, acha que estes foram julgados com todos os requisitos legais e que ele se convenceu da sua culpabilidade. NY – 4 – Os jornais, no seu serviço telegráfico de Boston sobre a condenação definitiva de Sacco e Vanzetti à pena máxima pelo governador Fuller, dizem que este, ao assinar a sentença em palácio, diante dos seus secretários, se manteve calmo, seguro de que agira com justiça. O sr. Fuller, assediado pelos jornalistas, disse que nada tinha a declarar, a não ser que cumprira o seu dever.

Boston, 4 (UP) – A decisão do governador Fuller a respeito de Sacco e Vanzetti foi redigida nos seguintes termos: ‘Em conse-



quência do meu estudo sobre as peças do processo e de minha investigação, inclusive as entrevistas com inúmeras testemunhas, acredito, de acordo com o júri, que Sacco e Vanzetti são culpados e considero justa a condenação. Não há razão para duvidar da culpa. O crime foi cometido há sete anos: há seis que, por métodos dilatórios, por uma apelação depois da outra, todas as possibilidades de retardamento foram empregadas, dentre elas as que se destinavam a amedrontar e coagir as testemunhas, a influenciar sobre as mudanças dos depoimentos e a multiplicar, com o decorrer de um prazo de muitos anos, a possibilidade de erro ou confusão.

É necessário que se diga que, empreendendo as investigações, contribuí para o exame cuidadoso do caso, como havia sido prometido aos dois acusados. A minha resposta é, agora, esta. Havia convicção formada da parte de algumas pessoas, que os vários retardamentos da execução eram prova de que existiam dúvidas a respeito da culpa de Sacco e Vanzetti. A verdade é, porém, que a causa principal do retardamento foi criada pelos injustificados, persistentes e decididos esforços dos advogados defensores, que puseram em prática a sua extraordinária versatilidade, aproveitando-se de todas as ocasiões, como da enfermidade do juiz e das eleições com propósitos dilatórios, os quais arrastaram o caso por cerca de seis anos. Esses retardamentos não são indispensáveis.

Eu não dou grande importância à confissão de Celestino Madeiros. Geralmente se supõe que ele confessou que cometeu o crime; mas nas suas declarações ele não poderia relembrar os pormenores ou descrever as imediações do crime.’.

A seguir o sr. Fuller passa em revista vários incidentes que se seguiram ao crime, afirmando que Sacco e Vanzetti, quando presos e interrogados pela polícia, disseram que mais tarde ha-



viam de confessar o que era um arranzel de mentiras. O sr. Fuller conclui dizendo, a respeito da comissão construtiva, que o auxiliou na investigação, que ela estava inteiramente de acordo com a sua decisão e que acreditava nada poder justificar um novo julgamento.

A Comunicação aos parentes – 4 (UP) – Sacco e Vanzetti dormiam pacificamente em suas prisões quando foram despertados pelo carcereiro que lhes disse que hoje, na hora do almoço, lhes transmitiria a decisão do governador Fuller. Boston, 4 (UP) – Sacco e Vanzetti foram informados esta manhã pelos seus próprios defensores da decisão definitiva do governador Fuller.”.

Era assim que O *Estado de S. Paulo* noticiava o caso, posicionando-se como simples informante e noticiarista.

Dois casos negativos

Nas pesquisas que fizemos, somente encontramos duas manifestações concretas contra Sacco e Vanzetti. Aliás, a segunda não é contra eles, mas aproveita-se do seu caso para fazer publicidade de venda de terrenos. O anúncio, publicado n’O *Estado de S. Paulo* de 16 de agosto de 1927, tinha o seguinte texto:

“S A C C O – V A N Z E T T I

Uníssonos o mundo inteiro vive a dolorosa expectativa em torno da questão Sacco e Vanzetti.

Serão os dois anarquistas italianos fulminados pela amaldiçoada cadeira elétrica ou alcançarão enfim a liberdade que o mundo inteiro implora da justiça norte-americana?

Ser ou não ser? Eis o dilema?

Esta liberdade todos almejam para Sacco e Vanzetti que já viveram 7 longos anos de martírio nesta expectativa. Quantos já



pensaram na sua própria independência?

Acabrunhados com as dificuldades da vida que cada dia parecem aumentar, por que não se libertar de pesados aluguéis?

Esta independência a firma P. LANZARA & CIA., fundada em 1921 e que acaba de mudar o seu escritório para a rua Barão de Paranapiacaba n. 1, lhe oferece pondo ao dispor do povo ótimos terrenos. Sala 5, 2º andar (Esquina Praça da Sé) terrenos em prestações onde você poderá ter sua casa com o dinheiro que paga o aluguel.

Com a eletrificação do ramal da Cantareira estes terrenos serão muito valorizados constituindo para os seus moradores um valioso pecúlio. Além de servidos por este ramal que atravessa os terrenos nas linhas de autobondes que servem a todas as vilas denominadas:

Vila Vicentina,

Vila Lázara, em Guarulhos,

Vila Maria, perto da Penha,

Vila Celestina entre o parque Jabaquara e Sto. Amaro.

Os lotes de 500 metros² (10x50) vendem-se desde 1:500\$ a ... 4:500\$ em prestações de 20\$ ou 30\$. Todos os terrenos são garantidos por escrituras definitivas. Automóvel ao dispor dos compradores. Para mais informações com os agentes em quase todas as cidades do Interior e na sede.

P. LANZARA & CIA., casa fundada em 1921. Escritório: Rua Barão de Paranapiacaba n. 1 sala 5 – 2º andar – Caixa postal 2349 – Telefone central 243 – São Paulo.”.

Como podemos ver, a publicidade já era uma atividade aética...



Outro exemplo negativo foi do *Jornal da Bahia* que, segundo *A Manhã*, do Rio de Janeiro de 25 de agosto de 1927, publicou notícia sobre a execução dos dois anarquistas com o seguinte comentário:

“E se assim é, a justiça americana não acedendo às súplicas que lhe choveram de todas as partes do mundo, nada mais fez do que respeitar a lei no que ela tem de mais intangível e sagrado: a consciência dos jurados.”.

Durante alguns dias ainda os jornais publicaram o fato com destaque. Mas, paulatinamente, a matéria esfriou. Outros acontecimentos surgiram para ocupar o espaço das primeiras páginas. Somente no dia 23 de agosto do ano subsequente, encontramos notícias de atos comemorativos. Em 1931, o Ateneu Libertário de Cultura Popular convoca para aquela data um grande comício na Praça da Sé. O mesmo faz a Federação Operária de São Paulo.

Com o transcurso do vigésimo primeiro aniversário da tragédia, *A Plebe* volta a verberar a injustiça e faz um rápido levantamento do processo. O artigo, assinado por Braceda Arpuy, diz o seguinte:

“Relembrando um crime social

South Braintree presenciou, há vinte e um anos atrás, na madrugada de 22 para 23 de agosto de 1927, a execução de abominável crime de lesa-humanidade. O povo, os homens de consciência livre viram ruir por terra todos os esforços empreendidos no sentido de libertar os dois homens inocentes, acusados de um crime que não cometeram.

A organização estatal dos Estados Unidos da América do Norte consumava um ato pelo qual dava a entender ao mundo seu poderio tirânico. Sedento de sangue, o Estado procurava manchar, assim, os nomes honrados de dois lutadores da liberdade: Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Unidos numa trama criminosa para sacrificar duas preciosas vidas do anarquismo, o



Estado e a burguesia internacional não hesitaram em condenar Sacco e Vanzetti não porque eles fossem os autores do assalto ao pagador da Slater Merrill Shoes Company, mas porque eles eram anarquistas.

A oferta de 250.000 dólares como prêmio para a captura dos autores do assalto; as circunstâncias misteriosas em que esse assalto foi cometido; a impotência das autoridades para a descoberta dos criminosos, tudo isso aliado de se achar o país, como, aliás, todo o mundo, naquela ocasião, agitado por graves problemas sociais, levou os juízes a serviço do capitalismo a cometerem a tremenda injustiça de condenar os dois camaradas apontados como autores do assalto cometido dois anos antes, isto é, 24-12-1919. Durante os anos que durou o processo de Sacco e Vanzetti, estes dois arautos da liberdade viveram sob a ameaça permanente da cadeira elétrica, desde a tarde fatídica em que ocorreu a sua prisão, a 5 de maio de 1920.

Ricardo Orciani, preso juntamente com os dois camaradas, ao sair, semanas depois, convencido da inocência dos dois camaradas, começou a trabalhar em prol da libertação dos mesmos.

A circunstância de se encontrar em poder de Nicola Sacco uma pistola Colt por ocasião da sua detenção e o fato de se haver tornado o caso uma questão de honra e de dinheiro para as autoridades envolvidas no processo constituíram o pivô da condenação dos dois anarquistas. Para os condenar não hesitaram em substituir o cano da pistola, de forma a que as balas com que foi praticado o assalto se acondicionassem no mesmo. Era preciso encontrar os criminosos e os dois anarquistas deviam ser eliminados.

Figura, assim, o processo de Sacco e Vanzetti entre os processos célebres e de maior repercussão mundial, apesar de serem os acusados obscuros operários. É que esse processo teve, desde



a sua origem, o caráter de verdadeira luta de classes. Houve um outro processo que também convulsionou as consciências de todo o mundo, e, por ironia da sorte, teve o berço na França dos enciclopedistas: o caso Dreyfuss.

Esses dois processos, passados em países diferentes, justamente nos dois países que se dizem baluartes da justiça e da liberdade, têm caráter algo semelhante. Ambos partiram de uma injusta acusação, ambos se basearam num sentido profundamente social.

Para se ter uma ideia do que foi o processo Sacco e Vanzetti é preciso ambientá-lo na atmosfera envenenada pelas paixões deixadas após a Grande Guerra de 1914. Ambiente saturado de ódios e de intrigas.

O procurador-geral A. Michel Palmer, interessado na condenação de Sacco e Vanzetti, fornecia artigos aos jornais, pagos pelo Departamento de Justiça, com o propósito de excitar a opinião contra os radicais estrangeiros.

Numa publicação de Luís F. Post, intitulada *Delírio das Deportações*, relata-se a história daquele período de terror e perseguições por que passou a América do Norte, tufão reacionário que imolou aos potentados do Estado e do capitalismo internacional milhares de vítimas inocentes e levou o sofrimento e a miséria a milhares de famílias proletárias.

Em todo o correr do processo Sacco e Vanzetti, não foi apresentada uma única prova que autorizasse a condenação desses dois anarquistas. Todo ele foi baseado em suposições e adubado com as paixões criminosas de uma imprensa venal, paga para alimentar na opinião pública a ideia de que era necessário executar dois operários apontados como sendo os autores do famoso assalto ao pagador da importante companhia.



Vejamos as circunstâncias em que esse assalto se deu, para termos a ideia de que jamais poderiam ser os anarquistas os protagonistas de tão grande façanha própria de *gangsters*.

Na tarde de 15 de abril de 1920, na cidade de South Braintree, rua da Pérola, bem em frente à Fábrica de Calçados Rice Hutchins, foram assassinados e despojados de 15.000 dólares, Frederick A. Parmenter e Alexandre Lunardelli, respectivamente pagador e guarda da Slater Merrill Shoe Company. A tragédia se desenrolou com a rapidez de um raio. Foi um desses assaltos que tornaram funesta a região ocidental do Estado de Massachusetts. Os assaltantes fugiram não deixando rasto do crime praticado.

Como se tratava de um projeto em que se punha à prova a eficiência da polícia americana, um caso de honra para ela e para o Estado, era preciso encontrar e justificar os criminosos. Impotentes para encontrá-los, puseram a cabeça dos assaltantes a prêmio com a gorda promessa de 250.000 dólares.

Reinava, então, um ambiente de inquietação e desordens sociais por causa das greves constantes, surgidas em todo o país, em virtude da crise que avassalou o mundo após a Grande Guerra. As garantias constitucionais eram ignoradas e os homens sucumbiam ao peso de feroz reação desencadeada pelo Estado. Foi nesse período de agitações que foram presos Sacco e Vanzetti. Alguém, tendo em vista o prêmio, se lembrou de acusá-los como sendo os autores do assalto da rua Pérola. A sua detenção foi precedida pela prisão de outro anarquista, André Salcedo, que se suicidou em Nova Iorque, precipitando-se do 14º andar do Edifício Park Roro Bidg, onde estava ilegalmente detido havia várias semanas juntamente com Roberto Eia. E assim, após um processo vergonhoso de intrigas e falsidades, não obstante os protestos das consciências livres de todo o mundo,



foram executados Sacco e Vanzetti, cuja inocência ficou depois provada, após a revisão do processo, mas quando já se havia cometido a infâmia de tamanha injustiça. O Estado capitalista, a sociedade capitalista e a burguesia internacional estavam satisfeitos.”.

Como vemos por esta *amostragem*, a imprensa brasileira participou noticiando o crime. Os grandes jornais apenas noticiando, mas a linha de esquerda, toda ela, mesmo com divergências ideológicas na época, tomou posição firme contra a morte de Sacco e Vanzetti.



APÊNDICE

O acusado ataca o juiz

Bartolomeu Vanzetti

Em 9 de abril de 1927, Winfield Wilbar, procurador do Distrito do Condado de Norfolk, reuniu a Corte Suprema de Dedham, presidida pelo juiz Webster Thayer, para comunicar a Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti suas respectivas sentenças de morte. Antes da leitura oficial da condenação, os acusados foram convidados a pronunciar a declaração de prática nesses casos. Sacco disse poucas palavras, em consequência do seu limitado domínio do idioma inglês. Vanzetti, ao contrário, pronunciou um discurso apaixonado e não vacilou em acusar aqueles que os condenaram.

A seguir, damos na íntegra este documento importantíssimo. Tirando-se as deformações teóricas decorrentes da sua formação anarquista, o documento é um libelo contra a justiça de classes burguesas. Ao perguntarem: *Bartolomeu Vanzetti, tem alguma coisa para que não seja pronunciada a sentença de morte contra você?*

Respondeu:

“Sim. O que eu tenho a dizer é que sou inocente, não apenas do crime de Braintree, como também do de Bridgewater. Que não



sou apenas inocente desses delitos, como em toda a minha vida jamais roubei, assassinei ou derramei uma gota de sangue. Isto é o que tenho a dizer. E não é tudo. Não apenas sou inocente desses delitos, como nunca roubei, assassinei ou derramei uma gota de sangue em toda a minha vida, mas, muito pelo contrário, desde que alcancei a idade da razão, luto para eliminar o delito na terra.

Estes dois braços sabem muito bem que eu não necessitava matar um homem em plena rua para ter dinheiro. Estou em condições de viver dos meus dois braços, e viver bem. Por outro lado, poderia até viver sem trabalhar, sem colocar os meus braços a serviço de outros. Tive muitas oportunidades de me fazer independente e viver uma vida idêntica à daquelas pessoas que se julgam superiores do que os que a ganham com o suor do seu rosto.

Na Itália, o meu pai está em boas condições econômicas. Posso voltar à Itália: ele teria sempre me acolhido de braços abertos. Mesmo se eu tivesse regressado sem um centavo no bolso, meu pai poderia dar-me ocupação na sua propriedade, e não para nela trabalhar, porém, para administrá-la ou para que outros a administrassem. Ele me escreveu várias cartas neste sentido e outras idênticas fizeram meus parentes, cartas que estou em condições de exibir.

É certo que isto poderá parecer jactância. Meu pai e os meus parentes poderiam estar jactando-se em vão e dizendo coisas inacreditáveis. Até se poderia pensar que são pobres como ratos, por mais que eu afirme que possuem os meios necessários para poder dar-me uma posição a qualquer momento que eu regressasse, formar uma família, começar uma existência tranquila. Está certo. Porém, há pessoas que, neste mesmo Tribunal, poderiam testemunhar como isto que acabo de dizer não é mentira e



que eles têm realmente a possibilidade de dar-me uma posição, apenas eu o desejasse.

Teria, então, que se chegar a outra conclusão que é esta: não apenas não se provou minha participação no assalto de Brigde-water, não se comprovou minha participação no assalto e homicídios de Braintree, nem ficou provado que eu tenha roubado, ou assassinado, nem derramado uma gota de sangue em toda a minha vida; não apenas lutei denotadamente contra todo crime, como neguei a mim mesmo os bens e as glórias da vida porque considero injusta a exploração do homem. Neguei-me a fazer negócios, porque compreendo que eles são uma especulação, em prejuízo dos outros: não creio que isto seja justo e, portanto, nego-me a fazê-lo.

Isto quer dizer que não sou apenas inocente de todas as acusações que se me fazem, não apenas não cometi um delito em toda a minha vida – erros talvez, porém, não delitos –, não apenas combati o crime durante toda a vida para eliminar os delitos, os crimes que a lei oficial e a lei moral condenam, como também o delito que a moral oficial e a lei oficial admitem e santificam: a exploração do homem pelo homem. E se existe alguma razão, sou aqui acusado, se há alguma razão pela qual podeis condenar-me em poucos minutos, a razão é esta e não outra.

Peço desculpas. Os jornais transcreveram as palavras de um homem de bem, o melhor que os meus olhos já viram desde que nasci; um homem cuja memória durará e se estenderá, cada vez mais, mais próxima e mais querida do povo, dentro do próprio coração do povo, pelo menos enquanto durar a admiração pela bondade e o espírito de sacrifício. Falo de Eugênio Debs. Nem um cachorro – disse ele –, nem um cão que mata galinhas teria achado um jurado estadunidense disposto a condená-lo, baseado nas provas que foram apresentadas contra nós. Aquele homem



não estava comigo em Plymouth, nem com Sacco em Boston no dia do delito. O Meritíssimo pode sustentar que é arbitrário o que afirmamos, que ele é um homem honesto e derramava sua honestidade sobre os demais porque sendo incapaz de fazer o mal supunha que todo homem fosse incapaz de proceder mal.

Certo: poderia ser assim, porém, não é, podia ser verossímil, porém, não era: aquele homem tinha uma experiência de tribunais, de cárceres e de jurados. Justamente porque reivindicava para o mundo um pouco de progresso, foi perseguido, difamado da infância à velhice e, de fato, morreu próximo de um cárcere.

Ele sabia que somos inocentes, como o sabem todos os homens de consciência, não somente deste, mas de todos os países do mundo; os homens que puseram à nossa disposição uma notável soma de dinheiro em um tempo mínimo e seguem ao nosso lado; a flor dos homens da Europa, os melhores escritores, os maiores pensadores da Europa manifestaram-se a nosso favor. Os povos das nações estrangeiras manifestaram-se a nosso favor.

Será possível que alguns membros do júri, somente dois ou três homens que condenariam a sua própria mãe se isto conviesse aos interesses egoístas de seu mundo, tenham direito de condenar aquilo que o mundo, todo o mundo, considera uma injustiça? Se há alguém que pode saber se esta condenação é justa ou injusta, somos Nicola Sacco e eu. E você nos vê, juiz Thayer: há sete anos estamos encarcerados. O que nós dois sofremos nestes sete anos, nenhuma língua humana pôde contar; no entanto, você está vendo: não tremo diante de você; você vê: olho-o diretamente nos olhos, não fico ruborizado, não mudo de cor, não me envergonho nem sinto medo.

Dizia Eugênio Debs que nem um cachorro – alguma coisa que pode ser comparada a nós –, nem um cachorro que mata gali-



nhas podia ser julgado culpado por um júri estadunidense com as provas que foram apresentadas contra nós. E eu acrescento que nem a um cachorro leproso teria sido negada duas vezes a apelação à Suprema Corte de Massachusetts. Nem a um cão leproso.

A Madeiros foi concedido um novo processo, porque o juiz se esqueceu de advertir o júri de que o acusado deve ser considerado inocente até o momento em que tenha sido provada sua culpa no Tribunal, ou coisa desse estilo. No entanto, aquele homem havia confessado. Aquele homem confessou enquanto processado; a Corte concedeu-lhe outro processo. Nós já demonstramos que sobre a face da terra não podia ter existido um juiz mais injusto e cruel do que você, juiz Thayer, foi conosco. Isto já o demonstramos. No entanto, negam-nos ainda um novo processo. Nós sabemos que, no fundo do seu coração, você reconhece estar contra nós desde o princípio, antes mesmo de nos haver visto. Você sabia que éramos radicais, cães leprosos. Sabemos que você se revelou hostil a nós diante dos seus amigos, ante o seu séquito no Clube da Universidade de Boston, no Clube de Golf de Worcester, em Massachusetts. Estou certo de que, se todos os que sabem tudo o que você disse contra nós tivessem a coragem civil de vir testemunhar, talvez o Meritíssimo – e isto me desgosta afirmá-lo porque você é um ancião e meu pai é um velho como você –, talvez o Meritíssimo tivesse que sentar-se conosco e assim se faria plena justiça.

Quando você pronunciou a sentença contra mim, no processo de Plymouth, disse – segundo lembro de memória – que os crimes estão de acordo com as minhas convicções, ou coisa parecida, porém, escondeu do júri, se me lembro exatamente, um capítulo da acusação. O júri estava tão prevenido contra mim que me teria julgado culpado de ambas as acusações pelo simples fato de que eram duas. Porém, também me julgaria culpado de



uma dezena de capítulos de acusação, mesmo contra as instruções do Meritíssimo. Lembro-me naturalmente quando você disse que não havia razão alguma para pensar que eu, ainda que fosse um bandido, tivera a intenção de matar alguém, com o que eliminou da acusação a tentativa de homicídio. Teriam me julgado culpado disto também? Para ser honesto, devo reconhecer que foi você quem retirou aquela acusação e me julgou apenas por tentativa de furto à mão armada, ou coisa parecida. Porém, você, juiz Thayer, aplicou-me por aquela tentativa de roubo, uma pena maior do que a recebida por qualquer dos 448 prisioneiros de Charlestown, por atentados contra a propriedade, por roubo; no entanto, nenhum deles foi sentenciado por mera tentativa de roubo como você me sentenciou.

Se fosse possível constituir-se uma comissão para chegar até lá, poderia ser comprovado o que estou dizendo. Em Charlestown há ladrões profissionais, que já passaram pela metade dos cárceres dos Estados Unidos, pessoas que roubaram, que atiraram contra outro, ferindo-o. E o ferido salvou-se por casualidade. Bem: a maior parte deles, culpados sem discussão possível, por confissão própria ou por denúncia por correspondência dos seus cúmplices, receberam de 8 a 10, de 8 a 12, de 10 a 15. Nenhum deles foi condenado a 12 e 15 anos, como você me condenou por simples tentativa de roubo. E como se isso não fosse suficiente, você sabia que eu era inocente. Você sabia que a minha vida, minha vida pública e privada em Plymouth, onde vivi muito tempo, era tão exemplar que um dos grandes temores do fiscal Katzmann era justamente este: que chegassem ao Tribunal provas da nossa vida e da nossa conduta. Ele queria mantê-las fora com todas as suas forças e o conseguiu.

Você sabia que, no meu primeiro processo, se, em Plymouth, meu advogado de defesa fosse o doutor Thompson, o júri não teria me considerado culpado. Meu primeiro advogado era um



cúmplice de Mr. Katzmann e ainda o é. Meu primeiro advogado de defesa, Mr. Wahey, não me defendeu: vendeu-me por trinta moedas de ouro, como Judas vendeu Cristo. Se aquele indivíduo não chegou a declarar-lhe ou a Mr. Katzmann que eu era culpado, isto se verificou porque ele me sabia inocente. Fez, perante o júri, tudo o que indiretamente podia me prejudicar. Fez, perante o júri, um longo discurso em torno de aspectos sem relevância nenhuma e deixou de abordar os aspectos essenciais do processo, com poucas palavras ou com o silêncio absoluto. Tudo aquilo foi premeditado de forma a dar ao júri a impressão de que meu defensor não tinha argumentos válidos para apresentar em minha defesa e que por isto era envolvido pelas palavras, em discursos sem significado, enquanto deixava passar os pontos essenciais em silêncio, ou com uma argumentação muito débil.

Fomos processados durante um período que já passou à História. Refiro-me a um tempo dominado pela histeria, o ressentimento e o ódio contra o povo de que descendemos, contra os estrangeiros, contra os radicais e creio –ou melhor, tenho certeza – que tanto você como Mr. Katzmann fizeram tudo o que estava ao seu alcance para excitar as paixões dos jurados, os preconceitos dos jurados, contra nós.

Lembro-me que M. Katzmann apresentou uma testemunha, um tal Ricci. Ouvi aquele depoimento. Parecia não ter nada a dizer. Pareceu-me sem sentido apresentar-se uma testemunha que nada tinha a dizer. Parecia idiotice que o tivessem chamado apenas para dizer ao júri que era o chefe do operário que estava presente no lugar do crime, operário este que acabara de depor em nosso favor, sustentando que nós não estávamos entre os assaltantes. Aquele homem, a testemunha Ricci, declarou haver retido o operário no trabalho – quando na realidade mandou que ele visse o que estava se passando – para dar a impressão



de que o outro não podia ver o que acontecia na rua. Porém, isto não é muito importante. O que é importante é que aquele homem sustentou que era falso o testemunho do moço que levava água para um grupo de operários. O jovem havia declarado que tomou um balde e foi até uma fonte próxima para buscar água para o grupo. Isto estava errado – sustentava o testemunho de Ricci –, e, portanto, o jovem não estava em condições de provar que nem eu nem Sacco estávamos entre os assassinos. Segundo ele, não era possível que o jovem tivesse ido àquela fonte, porque se sabia que os alemães haviam envenenado a sua água. Vejam bem: na crônica mundial daquela época, jamais se registrou um episódio desse tipo. E nos Estados Unidos não ocorreu nada parecido: todos nós lemos sobre muitas atrocidades praticadas pelos alemães na Europa, durante a guerra, porém, ninguém pode provar nem sustentar que os alemães fossem tão ferozes a ponto de envenenar a água de uma fonte neste país.

Tudo isto parecia não ter relação direta com o nosso caso. Parecia um elemento casual, tomado de entre outros que representavam a essência do caso. Porém, o júri nos odiava desde o primeiro momento, porque nós éramos contra a guerra. O júri não compreendia que há diferença entre um homem que se coloca contra a guerra, porque sabe que a guerra é injusta, porque não odeia a nenhum povo, porque é um internacionalista, e um homem que está contra a guerra porque se colocou a serviço do inimigo e que, portanto, comporta-se como um espião e delinquente no país em que vive com o fim de favorecer aos países inimigos. Nós não somos homens desta última forma de comportamento. Katzmann sabe disto muito bem. Ele sabe que estamos contra a guerra porque não acreditamos que a guerra seja feita pelas razões alegadas. cremos que a guerra é injusta, nos convencemos cada vez mais disto ao largo dos dez anos nos quais estamos pagando – dia após dia – as consequências e



os resultados do último conflito. Estamos mais convencidos do que antes de que a guerra é injusta e estamos contra ela agora, mais do que antes. Eu estava contente de ser condenado ao patíbulo para poder dizer à humanidade: Coloca-te em guarda. Tudo o que te disseram, tudo o que te prometeram, era uma mentira, uma ilusão, uma traição, uma fraude, um delito. Prometeram-te liberdade. Onde está a liberdade? Prometeram-te prosperidade. Onde está a prosperidade? Desde o dia em que entrei em Charlestown, até hoje, a população carcerária duplicou. Onde está a elevação moral que a guerra ia dar ao mundo? Onde está o progresso espiritual que íamos alcançar em consequência da guerra? Onde está a segurança de vida, a segurança das coisas que possuímos para nossas necessidades? Onde está o respeito pela vida humana? Onde estão o respeito e a admiração pela dignidade e a bondade da natureza humana? Nunca houve, antes da guerra, tanto delitos, tanta corrupção, tanta degeneração como agora.

Lembro-me bem de que, durante o processo, Katzmann afirmou diante dos jurados que um tal Coacci levou para a Itália o dinheiro que, de acordo com a teoria da acusação pública, Sacco e eu havíamos roubado em Braintree. Nunca roubamos tal dinheiro. Katzmann sabia que não era certa aquela afirmação, quando a fez perante o júri. Sabemos agora que aquele homem foi deportado para a Itália, depois da nossa prisão, pela polícia federal. Lembro-me bem que o agente da polícia federal que o acompanhava recolheu as malas de Coacci no momento da extradição, examinou-as detidamente, sem encontrar uma moeda sequer.

Digo agora que é assassinato sustentar diante de um júri que um amigo, ou um companheiro, ou um parente, ou um conhecido do acusado suspeito levou o dinheiro para a Itália, quando se sabe que tal coisa não aconteceu. Só posso definir este gesto



como assassinato, um assassinato a sangue frio.

Porém, Katzmann disse contra nós ainda outras coisas que não eram certas. Se compreendi bem, houve, durante o processo, um acordo pelo qual a defesa se comprometia a não apresentar nenhuma prova da minha boa conduta em Plymouth e a acusação não informaria que eu já havia sido processado e condenado anteriormente em Plymouth. Parece-me que foi um acordo unilateral. Concretamente, no momento em que teve lugar o processo de Dedham, até os postes do telégrafo sabiam que eu havia sido processado e condenado em Plymouth; os jurados sabiam disto até quando dormiam. No entanto, jamais nos haviam visto, nem a Sacco nem a mim, e penso que é justo duvidar de que qualquer um deles, antes do processo, estivesse com alguém que pudesse dar-lhe uma descrição pelo menos imparcial do nosso comportamento. Por conseguinte, o júri nada sabia a nosso respeito. Os jurados nunca nos viram antes. Somente nos conheciam através das canalhices publicadas pelos diários, quando nos prenderam e do informe do processo de Plymouth.

Não sei por que razão a defesa concluiu semelhante acordo, mas sei as razões de Katzmann: ele sabia que a metade da população estaria disposta a vir ao Tribunal e afirmar que, em sete anos, durante os quais vivi naquela cidade, jamais me viram bêbedo e que me conheciam como o trabalhador mais forte e constante da comunidade. Chamavam-me *'il mulo'*, e aqueles que conheciam bem a situação do meu pai e minha condição de homem solteiro se surpreendiam e diziam-me constantemente: *'Mas, por que você trabalha como um louco se não tem nem mulher nem filhos por quem se preocupar?'*

Assim, pois, Katzmann podia dar-se por satisfeito com aquele acordo. Podia dar graças ao seu Deus e considerar-se afortunado. No entanto, não estava de acordo. Violou a palavra empe-



nhada e disse ao júri que eu havia sido processado por outro Tribunal. Não sei se isto consta em atas, se foi omitido ou não, porém, eu o ouvi com meus ouvidos. Quando duas ou três mulheres de Plymouth foram testemunhar, apenas a primeira chegou ao lugar em que se encontra sentado aquele cavaleiro – o júri já estava reunido – e Katzmann perguntou a elas se não haviam testemunhado antes a favor de Vanzetti. E diante da resposta afirmativa, replicou: ‘Vocês não podem testemunhar’. As mulheres tiveram de retirar-se da sala. No intervalo, Katzmann disse ao júri que eu já havia sido processado. Com esses métodos solapadores, destruiu minha vida e me perdeu.

Também se afirmou que a defesa interpôs toda sorte de obstáculos para atrasar a conclusão do caso. Isto é mentiroso e é ultrajante sustentá-lo. Quando pensamos que a acusação, o Estado, empregou todo um ano para a instrução, compreende-se que um dos cinco anos de duração do caso foi absorvido pela acusação, somente para iniciar o processo, nosso primeiro processo. Depois, a defesa apelou para você, juiz Thayer e você demorou em responder; isto pese a que, segundo penso, você já havia decidido antecipadamente: desde o momento em que se deu por terminado o primeiro julgamento, você já tinha em mente negar todas as apelações que nós apresentássemos. Esperou você um mês ou um mês e meio, o necessário para dar a sua decisão durante a véspera de Natal, precisamente na tarde do Natal. Nós não acreditamos na fábula do Natal, nem do ponto de vista histórico, nem do ponto de vista religioso. Porém, você sabe muito bem que muitas pessoas do povo ainda acreditam nisso, e o fato de não acreditarmos não significa que não sejamos humanos. Nós somos seres humanos e o Natal é doce para o coração dos homens. Eu acredito que você deu a conhecer seu veredito na tarde de Natal para torturar o coração de nossas famílias e dos nossos entes queridos. Repugna-me dizer isto,



porém, tudo o que você disse foi confirmando minha suspeita, até que esta suspeita se transformou em certeza.

Naquele período, a defesa não empregou mais tempo para apresentar uma nova apelação do que o que você levou para negá-la. Não me lembro agora se foi na ocasião do segundo ou do terceiro recurso, que você demorou onze meses, ou um ano, para responder; e eu estou certo de que você já havia decidido negar-nos um novo julgamento antes de iniciar a leitura da apelação. E esta resposta demorou um ano ou onze meses. De modo que fica bem claro, definitivamente, dos cinco anos, dois foram empregados pelo Estado; um transcorreu entre a nossa prisão e o processo; outro passamos à espera de uma resposta sua ao segundo e ao terceiro recursos.

Posso acrescentar que se houve atrasos, eles foram provocados pela acusação, não pela defesa. Estou certo de que, se alguém tomasse uma caneta e calculasse o tempo empregado pela acusação para instruir o processo e o empregado pela defesa para tutelar os nossos interesses, esta pessoa descobriria que a acusação levou mais tempo do que a defesa. Há outra coisa que deve ser levada em consideração neste particular: o fato de que o nosso primeiro advogado nos traiu. Todo o povo estadunidense estava contra nós. E nós tivemos a infelicidade de nosso segundo defensor ter vindo da Califórnia, e, quando aqui chegou, recebeu a hostilidade de você e de todas as autoridades. Nem uma só região de Massachusetts era imune àquilo que eu chamo de preconceito e consiste em acreditar que o povo de um lugar é o melhor do mundo e não há possibilidades de nenhum outro igualá-lo. Por conseguinte, o homem que chegou a Massachusetts, vindo da Califórnia, devia ser devorado. E o foi. E nós tivemos a nossa parte.

O que quero dizer é o seguinte: a tarefa de nossa defesa foi terrí-



vel. Meu primeiro advogado não quis nos defender. Não reuniu testemunhas nem provas a nosso favor. As atas do Tribunal de Plymouth dão lástima. Disseram-me que mais da metade se havia perdido. Sendo assim, a defesa tinha de realizar um trabalho tremendo para recolher provas e testemunhas, para saber o que haviam dito as testemunhas do Estado e rebatê-las. E se for levado em consideração tudo isto, pode-se afirmar que, mesmo que a defesa tivesse retardado o duplo do que o Estado retardou com a consequente demora para o caso, isto teria sido mais que razoável. No entanto, a defesa demorou-se menos do que o Estado.

Já disse que não apenas não sou culpado desses crimes, como não cometi crime algum em toda a minha vida: jamais roubei, matei ou derramei uma gota de sangue; lutei contra o crime, lutei até com o meu próprio sacrifício para eliminar os crimes que a lei e a Igreja admitem e santificam.

Isto é o que queria dizer. Não desejaria para um cão, nem para uma serpente, nem para a criatura mais miserável e infeliz da terra, o que eu tenho de sofrer por crimes dos quais sou inocente. Porém, minha convicção é outra: sofri por culpas que tenho efetivamente. Sofri por ser radical; e de fato sou um radical; sofri por ser italiano, e de fato sou italiano; sofri mais por minha família e pelas pessoas que me são queridas do que por mim mesmo; porém, estou tão convencido de que estou com a razão e que se você tivesse o poder de matar-me duas vezes e eu pudesse nascer duas vezes, voltaria a viver para fazer de novo exatamente o que fiz até agora.

Terminei. Muito obrigado.”.





APÊNDICE 01

A revista *Movimento Comunista* foi fundada pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Ela durou entre janeiro e dezembro de 1922, lançando 13 números em 12 fascículos. Foi o primeiro periódico declaradamente comunista, como afirma Astrojildo Pereira, e tinha por objetivo “defender e propagar o programa da Internacional Comunista”. Após a fundação do Partido Comunista do Brasil, em março de 1922, passou a ser editada sob a sua exclusiva responsabilidade. A revista publicava textos de orientação política, artigos, notícias e documentos do movimento comunista nacional e internacional. E em seu segundo número, de fevereiro de 1922 – portanto um mês antes da fundação do PC do Brasil – publicou os textos *Agitação pró-Sacco e Vanzetti*, *a Moção do Grupo Comunista* e *Mensagem do PC da América*. O movimento operário brasileiro – incluindo anarquistas, comunistas e socialistas – desde o início esteve ao lado de Sacco e Vanzetti e em oposição ao processo-farsa arquitetado contra eles

A agitação pró-Sacco e Vanzetti

A Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro promoveu ultimamente vários comícios de protestos contra o sinistro plano forjado pela justiça norte-americana, que pretende, por um processo infa-



me, assassinar dois trabalhadores, Sacco e Vanzetti. A este propósito, o Grupo Comunista, em sua reunião de 22 de janeiro último, votou a moção, que adiante reproduzimos, de solidariedade à campanha encetada pela Federação dos Trabalhadores. Igualmente, reproduzimos, a seguir, a mensagem que o Partido Comunista da América do Norte enviou aos comunistas do mundo, em agradecimento à campanha internacional em favor dos camaradas Sacco e Vanzetti.

Moção do Grupo Comunista

O processo movido contra Sacco e Vanzetti constitui um caso característico de “Justiça de classe”. A sociedade dividida em classes significa o domínio de uma classe sobre as outras e por consequência a subordinação da justiça ao arbítrio da classe dominante.

Sacco e Vanzetti são dois membros da classe dominada, dois proletários. E como são dois proletários, dois inimigos ativos da classe capitalista, esta, pela mão dos agentes de sua justiça, sobre a cabeça deles fez cair o peso brutal de seu ódio. Fez prendê-los, forjando um infame processo, com o testemunho de miseráveis mercenários, condenados por fim à pena capital.

É a justiça de classe parcialíssima, difamação direta do arbítrio e da força do capitalismo dominante. É a negação mesma da justiça, só possível e realizável numa sociedade baseada na mútua cooperação de todos os homens, sociedade sem divisões de classes, numa palavra, na sociedade comunista.

Mas o caso Sacco e Vanzetti apresenta-se ainda como um episódio a mais a somar os inúmeros, frequentes e crescentes episódios da reação mundial do capitalismo contra o proletariado.

Nessa mesma Norte-América, contam-se já por centenas os trabalhadores que, à semelhança de Sacco e Vanzetti, hão caído nas garras ferozes da reação capitalista norte-americana.



Como na América do Norte, em todos os países do mundo onde há um proletariado consciente que luta pela própria emancipação, campeia a mais desenfreada reação capitalista.

A Espanha, a Hungria, a Iugoslávia, a Polônia – só para falar naqueles em que a reação culmina brutalíssima – são países de martírio para os trabalhadores.

Aqui mesmo no Brasil temos nós conhecido sobejamente o que é a ferocidade reacionária da polícia e da justiça às ordens do capitalismo. Ainda nesse momento chegam-nos notícias do Rio Grande, onde a sede da União Geral dos Trabalhadores foi mais uma vez assaltada e varejada pelos beleguins da reação.

Ora, contra as infâmias da “justiça de classe”, contra a reação capitalista, o proletariado só poderá lutar vantajosamente quando unido e forte numa vasta organização poderosa e combativa.

O Grupo Comunista, juntando sua voz de protesto ao protesto levantado pela Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro contra o monstruoso crime de que são vítimas os camaradas Sacco e Vanzetti, lembra aos operários do Brasil a necessidade urgente do desenvolvimento de sua organização.

Os trabalhadores de todo o mundo organizam-se e preparam-se para os combates presentes e futuros contra a reação capitalista.

Os trabalhadores do Brasil não podem e não devem permanecer inertes em meio desse imenso movimento internacional.

Não o exige apenas a solidariedade dos trabalhadores dos demais países; é o interesse mesmo dos trabalhadores do Brasil que o exige imperiosamente.

Viva a organização proletária!

Viva o comunismo!

Grupo Comunista do Rio de Janeiro



Mensagem do P. C. da América

O Partido Comunista americano agradece aos comunistas do mundo a ajuda que lhe tem trazido, com sua campanha vigorosa em favor dos camaradas Sacco e Vanzetti, eu a burguesia americana pretende assassinar. Os tribunais americanos condenaram esses militantes só pelo crime de sua fidelidade à causa operária. Não há crime maior do que esse, aos olhos dos capitalistas.

Com alegria tivemos conhecimento das grandes manifestações que organizastes. A solidariedade internacional trouxe aos trabalhadores americanos um grande reconforto e tem feito os exploradores refletirem. Nossos camaradas russos já impediram o enforcamento do inocente Tom Mooney. Nós continuamos persuadidos de que, com a ajuda vossa, Sacco e Vanzetti serão salvos.

Vossa ação mostra que os capitalistas americanos não conseguem mais burlar as massas laboriosas com suas invocações à democracia. As manifestações de Paris, de Buenos Aires, de Roma, de Berlim contribuíram fortemente, por outro lado, para sacudir a atual apatia dos trabalhadores americanos.

A imprensa capitalista continua a divulgar informações fantasiosas sobre atos terroristas imputados aos militantes operários. Nosso partido desmentirá essas calúnias. O fim dos partidos comunistas não consiste em agir por meio ineficaz de atos terroristas individuais, mas sim pela ação revolucionária organizada dos trabalhadores.

Nós nos comprometemos solenemente a lutar contra o inimigo comum em estreita solidariedade com os nossos irmãos da Europa. Nós nos comprometemos a fazer tudo quanto esteja em nosso poder para destruir o capitalismo americano, Bastilha da reação mundial.

P. C. da América



Nota biográfica do autor

Clóvis Steiger de Assis Moura nasceu no Piauí em 10 de julho de 1925. Aos 17 anos mudou-se para a Bahia, onde participou dos movimentos antifascistas que sacudiram o estado entre 1942 e 1945. Trabalhou no jornal *Momento* e na revista *Seiva*. Nesse período ingressou no Partido Comunista do Brasil (então PCB). Após a cassação dos



mandatos comunistas, transferiu-se para São Paulo. Ali continuou sua atuação no jornalismo militante, contribuindo com o *Notícias de Hoje*.

Desde o final da década de 1940, Clóvis desenvolveu estudos sobre a história e a cultura negra no Brasil. O resultado desse esforço intelectual foi a publicação, em 1959, de sua obra mais importante: *Rebeliões da Senzala – Quilombos, Insurreição, Guerrilhas*. Este trabalho pioneiro revolucionou a maneira de ver a nossa história, resgatando o protagonismo dos negros escravizados na dura luta de classes que marcou todo o período colonial e o império brasileiro.

Escreveu, entre outros trabalhos, *O negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1976), *Os quilombos e a rebelião negra* (1981), *Brasil: raízes do protesto negro* (1983), *Sociologia do negro brasileiro* (1988), *As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira* (1990), *Dialética radical do Brasil Negro* (1994), *Dicionário da escravidão no Brasil* (2004). Recentemente, a Fundação Maurício Grabois e a Editora Anita Garibaldi reeditaram *Rebeliões da Senzala* (2014) e *Dialética Radical do Brasil Negro* (2014). Foi um ativo colaborador da revista *Princípios*, para a qual escreveu vários artigos.

Criou, em 1975, o Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, voltado à compreensão dos problemas dos negros e do racismo. Assuntos dos quais ele se tornou um dos principais especialistas mundiais. Pela qualidade de seu trabalho, ganhou da USP o título de professor “notório saber”. Clóvis Moura morreu em dezembro de 2003 em São Paulo, deixando suas marcas na academia, e especialmente no movimento negro brasileiro.



CADERNO DE IMAGENS



A Manhã

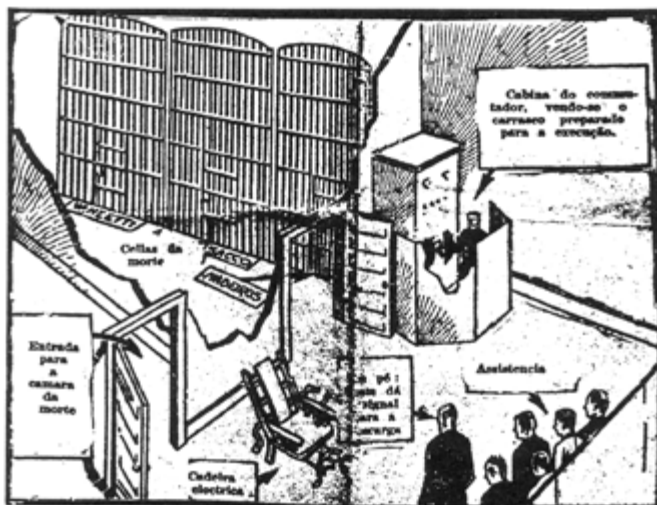


Aos primeiros minutos da madrugada de hoje, Nicolau Sacco e Bartholomeu Vanzetti deixaram de existir!

O primeiro foi executado às 12,12 e o segundo às 12,25

Em S. Paulo, declararam-se em greve mais de 50 mil trabalhadores, tendo a policia effectuado varias prisões — A electrocção de Madeiros





A "Casa da Morte", da prisão de Charlestown, onde Sacco e Vanzetti foram executados.



Charge do Jornal "A Manhã".



Nicola Sacco que se manifestou pessimista no tocante à justiça dos homens. Os dez dias de vida que lhe foram concedidos representaram um martírio sem qualificação possível.



Bartholomeu Vanzetti, que acreditou na clemência da justiça de Massachusetts. A morte foi o epílogo trágico do seu martírio de sete anos.



Elliot, o carrasco que executou Sacco e Vanzetti (desenho de Guevara para a "A Manhã").

14-05-1927

Sacco e Vanzetti

Agitam-se os trabalhadores de todo o mundo ante a monstruosa condenação de Sacco e Vanzetti.

Nicolau Sacco e Bartholomeu Vanzetti foram accusados perante a justiça de Massachusetts, Estados Unidos, como assassinos de Frederico Parmenter e Alexandre Bernardelli, quando aquelle transportava uma grande quantia para o pagamento dos seus operários.

Em todo o processo Sacco e Vanzetti não ha uma testemunha de accusação que possa ser levada a sério.

Um inquerito honesto teria demonstrado cabalmente a innocencia dos dois operários Italianos, que os juizes de Massachusetts condemnaram por anarchistas perigosos á cadeia electrica.

Usaram-se dos processos mais odiosos para condemnar os dois trabalhadores, cujo unico crime era combater o regimen que os juizes americanos representam

O revolver de Bernardelli, por exemplo, com o qual dizem que se perpetrara o assassinato, estava, no dia do crime, em poder dum armeiro, que, chamado a depôr, o declarou sem vacillação perante o juiz.

Confrontadas as declarações prestadas por varias testemunhas accusadoras durante o processo, estas confessaram que haviam caído em fortes contradicções.

Uma dessas testemunhas foi presenteada por uma poderosa empresa com um emprego.

Outra foi absolvida de um grave delicto de roubo.

Por outro lado, todos os que não faziam depoimentos a gosto dos juizes e da policia eram ferozmente perseguidos.

Um operario que se negou declarar, contra Vanzetti, o que a policia pretendia, foi despedido do emprego que occupava ha 17 annos.

Os juizes recusaram o testemunho dos que delles se aproximavam para provar a innocencia de Sacco e Vanzetti

Numerosas testemunhas, que viram de perto os assassinos, declararam no inquerito que elles não são os dois operarios accusados.

Mas o Imperialismo queria a todo o custo a morte dos indefezos trabalhadores para atemorizar a classe operaria.

Por isso, os trabalhadores de todo mundo se erguem, agora, para protestar contra a condemnação de Sacco e Vanzetti.

Operarios de todas as tendencias unem-se, num commovente gesto de solidariedade, estendendo as mãos por sobre as fronteiras, para levantar o seu protesto contra mais um crime monstruoso praticado pela justiça da liberima democracia americana.

20-07-1927

O caso Sacco-Vanzetti agita a opinião norte-americana

24-07-1927

A tragedia de Sacco e Vanzetti

Os dois operarios já estão no setimo dia da greve da fome

BOSTON, 23. (U. P.) — Sacco e Vanzetti iniciaram o seu setimo dia de greve de fome, re-

dos dois condemnados. Com effeito, á medida que passam as horas, cresce de vulto o movimento de



Sacco e Vanzetti

cusando o atropello que lhes foi fornecido. O governador Fuller visitará hoje de novo os condemnados. **QUEM VAE DECIDIR DA SORTE DOS ANARCHISTAS**

NOVA YORK, 23. (Havas) — Ha neste momento nos Estados Unidos um homem cujos tormentos de espirito são provavelmente maiores que os dos anarchistas Sacco e Vanzetti: esse homem é o governador Fuller, do Massachusetts, a quem cabe decidir em ultima instancia do recurso a favor

commissario por Sacco e Vanzetti e mais prementes se tornam os apellidos de clemencia dirigidos ao governador Fuller.

Annuncia-se que a sorte dos dois anarchistas ficará decidida por toda a semana entrante. Qualquer prognostico acerca da sentença do governador seria inopportuno, mas ha que consignar que a expectativa mais geral penla para a clemencia. Entretanto Sacco e Vanzetti mantêm-se irreductiveis ao proposito de deixarem-se morrer de fome.

O caso Sacco-Vanzetti assume proporções verdadeiramente dramaticas!

Ha réveio de que o operariado universal vingue a morte dos dois anarchistas

BOSTON, 23. (U. P.) — O réveio dos dois anarchistas Sacco e Vanzetti, está, tornando um assunto verdadeiramente mundial. Desde do momento da morte de Sacco e Vanzetti, os operarios de todo o mundo estão a fazer greve de fome para protestar contra a morte dos dois anarchistas.

DEBATE-SE agora o caso de Sacco e Vanzetti, que se tornou um caso de grande importancia internacional. O caso Sacco e Vanzetti, que se tornou um caso de grande importancia internacional, está a ser discutido em todo o mundo. O caso Sacco e Vanzetti, que se tornou um caso de grande importancia internacional, está a ser discutido em todo o mundo.

A opinião publica americana está profundamente agitada com a noticia de que Sacco e Vanzetti estão a fazer greve de fome. O governador Fuller visitará hoje de novo os condemnados.

A Manhã

11-08-1927

Sacco e Vanzetti têm mais alguns dias de vida!

O mundo inteiro protesta contra o crime monstruoso da justiça americana

"Mesmo que estejam inocentes, o Estado Americano não pode ficar desprestigiado" declara o juiz Thayer

Como um policial e uma criança depuseram no ruído processo



Photograph of Giuseppe DiPasquale, arrested at Providence, Rhode Island, considered with a discharged anarchist, in Rome, once it became known approved when the Italian was arrested on the day that he died in prison.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

Foi queimada uma bandeira americana

PARIS, 10 (Anadolu) — Três grupos de Casa Branca, em Montreal.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

As organizações operárias e elementos liberais protestam

SANTOAGO, 10 (Anadolu) — As organizações operárias de Chile...

Os chilenos são indiferentes à sorte dos condenados

SANTOAGO, 10 (Anadolu) — Há duas horas, depois de uma manifestação...

Não significava protesto contra a execução

SANTOAGO, 10 (Anadolu) — Quando a bandeira que se levanta à porta do edifício...

A polícia de Luxemburgo permite manifestações de protesto

LUXEMBURGO, 10 (Anadolu) — Uma manifestação de protesto...

Um comício em Basileia

BERNA, 10 (Anadolu) — Basileia se debate de protesto...

Foi convocada o Conselho Executivo do Estado

NOVA YORK, 10 (A. A.) — O governador Fuller convocou o Conselho Executivo do Estado...



O juiz Thayer, que tentou em vão salvar a vida de Sacco e Vanzetti...

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.



Seção do mapa da prisão de Basileia



Seção do mapa da prisão de Basileia

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

... e, em Roma, como a imprensa havia aprovado quando se sabia que o processo era mais que um ato de terror.

BOSTON (Americana-Urgentissimo)

Foi transferida a execução dos anarquistas Sacco e Vanzetti

A Manhã

14-08-1927

Foi o clamor de todo o mundo que forçou o adiamento da execução de Sacco e Vanzetti!

Assim pensa o grande diário norte americano "New-York World"

A MANHÃ publica a última carta dos dois martyres proletarios

Não obstante o adiamento, por mais dois dias, da execução da sentença que condemna á morte os proletarios Italianos Sacco e Vanzetti, a consciência universal, crendo muito pouco na generalidade e na rectidão de Fuller, continúa protestando severamente contra o crime que se pretende perpetrar em Massachusetts.

Um jornal de Roma, *Il Tevere*, commentando vehementemente o novo adiamento da execução dos dois grandes martyres da liberdade de pensamento e não dos repugnantes facinoras como se pretende fazer crer aos Ingleses — diz categoricamente que a Justiça (!) de Massachusetts revela nas suas tergiversações a sua insinceridade. Exsurgo sem rouparens, esta Justiça (!), quando afirma estar absolutamente convicta da culpabilidade dos sentenciados. E raciocina assim a altíssima feição: se na verdade houvesse essa convicção por parte dos juizes, não se justificariam como adiamentos que só trazem para as victimas do Deus Milhão indescriptiveis tormentos.

Ora, o processo Sacco-Vanzetti não foi estudado abastado.

A Justiça (!) que levou neste longos annos para estudar e julgar.

Não há fugir.

Ou em julho de Massachusetts condemnaram á morte os dois combatentes anarquistas, em vir-



Sacco e Vanzetti, obrigados, á caminho do Tribunal de Doshan

tudo de provas póstumas, ensagadoras, irrefutáveis, ou decretaram elles a cadeira electrica não para os autores de um hediondissimo delicto, mas para dois representantes de um Ideal revolucionário, para dois homens

que têm a coragem de dissentir das maiorias!

A verdade é esta: se os juizes estadunidenses condemnaram de facto dois sicarios, e neste caso deviam ter sido electrocutado no dia e hora marcados pela primei-

ra vez, os então estes mesmos juizes têm plena consciência de que não justificaram dois assassinos, mas vão usar frívolamente dois innocentes e, então, estão vacillando na pratica, desá clamorosa desumanidade.

Não ha, porém, quem, de ante mão lento, recollido na culpabilidade dos accusados reclusos da Casa da Morte, na Prisão de Charlestown.

Todos estamos cientes de que não se vão justificar dois bandos vulgares, mas, — força é reconhecer — dois incançáveis opeiros do pensamento, dois operarios do trabalho e da intelligencia, que, em nome das suas convicções, se entregam serenamente ao Santo Officio das Desmorcios americanas!

Mas os tyrannos devem lembrar-se de que a saque dos martyres fructifica sempre.

A violencia gera a violencia. Os despotas são os grandes responsáveis pelas excessos das revoluções liberas.

Continúa no 19.º pagina

19-08-1927



A Manhã



Em todo o mundo proseguem as grandes manifestações de protesto contra o monstruoso crime de Massachusetts!

Em Paris, assumiram proporções formidaveis, apesar da prohibição terminante do Governo



Travaram-se, nas ruas da Cidade Luz, verdadeiras batalhas com lances estrategicos

Small text and images from the newspaper page, including a portrait of a man and various headlines.

A Manhã

23-08-1927

Aos primeiros minutos da madrugada de hoje, Nicolau Sacco e Bartholomeu Vanzetti deixaram de existir!

O primeiro foi executado ás 12,12 e o segundo ás 12,25

Em S. Paulo, declararam-se em greve mais de 50 mil trabalhadores, tendo a policia effectuado varias prisões — A electrocção de Madeiros

Em São Paulo, em 23 de agosto de 1927, Nicolau Sacco e Bartholomeu Vanzetti foram executados na prisão de São Paulo. A execução ocorreu ás 12,12 e 12,25 da madrugada de hoje.

O homem está para a forca ou a lei para a prisão? Por John Haynes Holmes ministro da Igreja Comunitária de New York.

Seco e Vanzetti são inocentes por William P. Montague, professor de Philo sophia da Universidade de Columbia.



Seco e Vanzetti em prisão, aguardando a execução de hoje.



Sacco, ao lado, e sua filha. Fotografia por Giuseppe Arca.

...dois a humanidade... A lei não se executa, antes... O primeiro foi executado ás 12,12 e o segundo ás 12,25... Em S. Paulo, declararam-se em greve mais de 50 mil trabalhadores...



Uma greve em São Paulo.

...Seco e Vanzetti são inocentes... por William P. Montague... professor de Philo sophia da Universidade de Columbia.



Uma greve em São Paulo.

Seco e Vanzetti reproduzidos na historia da justiça e erro judicial... Por Morris R. Cohen, professor de philo sophia no Colégio de New York.

...O homem está para a forca... A lei não se executa, antes... O primeiro foi executado ás 12,12 e o segundo ás 12,25... Em S. Paulo, declararam-se em greve mais de 50 mil trabalhadores...

ARCA DE NOE

Antonio Azeredo



Appello da União dos Operários em Fabricas de Tecidos do Rio e de Petrópolis... O Appello da União dos Operários em Fabricas de Tecidos do Rio e de Petrópolis...



Diagrama do caso de São Paulo.



Diagrama do caso de São Paulo.

...Mao si o sol se desfaz no nascedouro... E toda gente, ao presentir o estouro... Mesmo sem cartas vem ao novo jogo... E lança mão de um "az" sobressalente...

ARY PAVAO

03-09-1927

Fuller apertou as mãos de Vanzetti prometendo-lhe interessar-se pela sorte dos assassinados de Massachusetts!

"Fuller é um assassino, como Thayer, Katzman e os outros!" escreveu Vanzetti na sua ultima carta

A proporção que os dias decorrem e nos chegam jornais e correspondências do estrangeiro, mais se confirmam as informações de "A MANHÃ" e ratificam as minúcias que temos sido os únicos a dar ao publico sobre a tragedia de Sacco e Vanzetti.

Narrando o ocorrido na Casa da Morte por occasião da noticia levada nos condemnados, pelos seus advogados, da sustentação da sentença de morte por parte do governador Fuller, — disseramnos que, ao ouvir essa noticia, Sacco, depois de alguns instantes de silencio, interrompendo a refeição que fazia nesse momento, dissera ao advogado:

— Está bem. Era o que esperávamos. Amigo, agora quero escrever uma carta.

A ultima carta de Sacco

Pois aqui offerecemos ao leitor, essa carta, transcripta de um jornal de Nova York, o que foi a ultima que Sacco escreveu.

*Charlestown, Prisão do Estado, agosto, 4 de 1927.

Queridos Amigos e Companheiros:

Na cella da morte nos acaba de informar o Comité de Defesa que o governador Fuller decidiu manter-nos a 10 de agosto. Não nos surpreende absolutamente



Vanzetti

esta noticia, porquanto já sabíamos que a classe capitalista é implacavel e dura, e não tem clemencia para os bons soldados da revolução. Sentimo-nos orgulhosos de morrer e entrar como todos os anarquistas têm morri-

do, e cáem. Agora, sóis vós, irmãos, camaradas, como já vos tenho dito, os únicos que podemos salvar-nos, já que nós nunca tivemos fé no governador. Porque, desde o principio sabíamos que o governador Fuller, Thayer e Katzman são nomes assassinos. Viva a Anarchia!

Com calorosos abraços e saudações a todos,

Nicola Sacco."

O jesuitismo de Fuller

Nesse dia o companheiro de Sacco, Bartolomeu Vanzetti, escreveu tambem uma carta dirigida aos mesmos camaradas.

Fil-a:
"Casa da Morte, agosto, 4 de 1927.

Queridos Camaradas:
O governador Alvan T. Fuller é um assassino, como Thayer, Katzman, perjuros do Estado, e todos os outros. Ele, Fuller, me estreitou as mãos como um irmão, fazendo-me crer que estava honestamente interessado pela nossa sorte.

Agora, ignorando a propria consciencia e negando todas as provas da nossa innocencia nos insulta e nos assassina.

SOMOS INNOCENTES, amigos!

Esta é a maneira de agir da

plutocracia contra a liberdade contra o povo.

Nós dois morremos por anarquistas.

Viva a Anarchia!



Sacco

Assignado — Bartolomeo Vanzetti."

Depois de ter escripto essa carta, Vanzetti demonstrou-se agitado, de maneiras diferentes das que lhe eram habituaes durante os sete annos de tortura.

(Continua na 7ª pagina)

04-08-1927

FOI NEGADO O PERDÃO A Sacco e Vanzetti

O que se vae consumir é um crime inominavel, contra o qual o mundo inteiro já lavrou o seu protesto

Né é conhecida a solução dada pelo governador do Estado de Massachusetts á pena de morte imposta á Sacco e Vanzetti.

O perdão foi recusado. Dentro em pouco os dois operarios italianos se sentarão na cadeira electrica e espirarão um crime que não se conseguiu provar em sete annos de iniquificações e perseguição, com todo o apparellamento maravilhoso da policia yankee em accção. Não obstante, o juiz Thayer confirmou a sentença extrema e o governador Fuller não hesitou em consentir na electrocucção.

O verdadeiro assassinato que se consummará, embora toda a emanação do cumprimento de uma sentença, obedece ao plano geral de repressão violenta ás novas theorias sociais, que ainda agora experimentamos com o advento da "lei socialista".

Os regimens actuaes, e até a sinistral desfaiteza das classes proletarias, servem de propaganda das idéas revolucionarias, procuram defender-se do que se chama o "origem de Mosca". Ninguém de bom senso reagirá a este dilema. O que, porém, todos combatem, é a forma violenta por que se realiza a reacção, com o sacrificio dos proprios

degraus liberais em que se estabeçam os regimens de governo.

Como se faz sentir, o movimento reaccionario é contraproducente. A Historia de todas as revoluções victoriosas assignalla como reforços valiosissimos precisamente os actos do molde dos que estão sendo agora postos em pratica.

No caso de Sacco e Vanzetti, o mundo inteiro se pronuncia pedindo o perdão dos condemnados. Pela cabeça dos dois proletarios italianos, teila o regimem burguez conseguido uma victoria formidavel sobre as massas rebeldias. Preferiram, porém, as autoridades de Massachusetts eliminar os anarchistas, muito embora a projecção formidavel que a violencia produzira.

Não commungam os credoes de Lenin, nem de Bakounine. Achamos que as concepções modernas do operariado, no seu estado actual, violentas e destruidoras, são nocivas antes de tudo. Mas desaproveçamos, como todo o universo civilizado o crime que se vae consumir no Estado americano.

Sacco e Vanzetti são innocentes. Em sete annos de investigações, a policia não levantou mais do que suspeitas.

A electrocucção que se vae fazer é um assassinato. Em nome da "Democra-

cia, o que se executa é um atentado ás suas proprias bases liberais.

O Capitalismo Yankee não perdôa

Sacco e Vanzetti serão mortos pela Justica de Massachusetts

BOSTON, 4 (A. A.) — O Sr. Fuller, governador de Massachusetts, no "verdictum" que confirma a sua sentença anterior, condemnando Sacco e Vanzetti á electrocucção, diz que julgou insufficientes as razões adduzidas em defesa daquelles operarios, solicitando a medida de clemencia.

Esta sentença, que é a ultima carta, termina dizendo que o Sr. Fuller, como o Jury, entendem que proseguiram acciatar-se com justiça e rectidão applicando a pena ultima e não concordando com nova revisão do gabarito processual.

OS DOIS OPERARIOS SERÃO EXECUTADOS A 11 DE AGOSTO NEW YORK, 4 (A. A.) — Associação de Sacco e Vanzetti demandou a sua revisão e a execução, offitadamente, da decisão do governador Fuller, que os condemnou a cducção electrica, demandando a execução por fogo no proximo dia 11.

A JUSTIÇA DE DEUS BOSTON, 4 (A. A.) — Os Jurados de hoje amestrem que o crime do estado de um filho do governador Fuller e politica esta neste e que até aqui não está nulla abstrac-

10-08-1927

SACCO E VANZETTI

Continuam os protestos contra o assassinato legal dos dois proletarios

De toda a parte chegam telegrammas noticiando a accção proletaria em torno da condemnacção de Sacco e Vanzetti.

Ninguém se conforma com o gesto cruel do governador Fuller, recusado a confissão de Celestino Madonia, para considerar criminosos os dois trabalhadores apertados pelo capitalismo de Boston e seus berquises á segurança social.

A União dos Operarios em Construcção Civil dirigiu a todos os trabalhadores curtos e seguiu manifesto:

"Infelizmente a plutocracia da America do Norte não recusa a um immedicabile injustica, de "justicia" daquella pais.

Foram condemnados á morte os nossos dois camaradas Sacco e Vanzetti, victimas innocentes da pratica de um crime que outros constructores de paz e de publicamente condemnado por Celestino Madonia.

Com a morte desses dois martyros, não se procura castigar dous criminosos, recorre-se ao sennão sufficaz de seus ideaes sociologicos.

Não podemos aos trabalhadores, em todos paises não tem guarida, baixos sentimentos de bajulações, deixar de expressar no dia em que vae ser posta em pratica a cruel e deshumano attentado á civilização, e nesse mais vehementemente protesto.

É um dever moral que todos os trabalhadores, a si propria se devem impor, declarar de empacorear ao serviço no dia 11 do corrente, fazendo assim uma paraly-

sação por 24 horas, como protesto contra o assassinato de Sacco e Vanzetti.

Guardemos bem na memoria essa data fatidica que a exemplo do 1.º de Maio de 1886, virá tambem constituir uma lista historica para os trabalhadores.

A União dos Operarios em Construcção Civil conta com a dignidade dos trabalhadores da industria que representa. Que ninguém trabalhe no dia 11 de agosto de 1927, no caso de ser levado por danto e proposito homicida do snabec Fuller, em A. A. americana."

HAHA, 7 (A. A.) — O caso Sacco e Vanzetti tem impressionado fortemente o publico desta capital.

Os jornais publicam largo noticiario sobre o accusacção.

MONTREVIDE, 7 (A. A.) — A "União Sindical" decretou a paralyzação geral do trabalho por 24 horas em signal do protesto pela confirmacção da sentença imposta aos anarchistas Sacco e Vanzetti.

Segundo a deliberação da "União Sindical", os trabalhos serão interrompidos amanhã á meia-noite.

MONTREVIDE, 7 (A. A.) — Em consequencia do movimento pro-Sacco e Vanzetti, que se vem accentuando nesta capital, a policia resolveu tomar varias providencias, fazendo guardar por soldados os edificios da Legacção e do Consulado dos Estados Unidos e bem assim das firmas norte-americanas aqui estabelecidas.

11-08-1927

SACCO E VANZETTI

NAO SERÃO MAIS EXECUTADOS HOJE

E PRECISO QUE A CIVILIZACAO DESPERTE E REAJA CONTRA OS INSTINCTOS SELVAGENS QUE O JUIZ THAYER E O GOVERNADOR FULLER ENCARNAM

Sacco e Vanzetti foram accusados de assassinato de um homem em 1921. Desde então, o mundo inteiro tem se movido em torno do caso. O governador Fuller e o juiz Thayer são acusados de serem os principais responsáveis pela execução dos dois operários.



... e que se executa é um atentado ás suas proprias bases liberais. O mundo inteiro se pronuncia pedindo o perdão dos condemnados. Pela cabeça dos dois proletarios italianos, teila o regimem burguez conseguido uma victoria formidavel sobre as massas rebeldias. Preferiram, porém, as autoridades de Massachusetts eliminar os anarchistas, muito embora a projecção formidavel que a violencia produzira. Não commungam os credoes de Lenin, nem de Bakounine. Achamos que as concepções modernas do operariado, no seu estado actual, violentas e destruidoras, são nocivas antes de tudo. Mas desaproveçamos, como todo o universo civilizado o crime que se vae consumir no Estado americano. Sacco e Vanzetti são innocentes. Em sete annos de investigações, a policia não levantou mais do que suspeitas. A electrocucção que se vae fazer é um assassinato. Em nome da "Democra-

Agosto-1927



A Plebe, jornal anarquista que circulava em São Paulo, de tendências esquerdistas, protestava com veemência contra a execução de Sacco e Vanzetti.

Setembro-1927



A Tribuna, de Santos, estampava logo depois das execuções, uma página gráfica mostrando os dois condenados e a cadeira elétrica.

Sacco e Vanzetti serão executados na próxima semana

SACCO E VANZETTI SERÃO ELECTROCUTADOS

Antes de serem executados o governador de Massachusetts

Procurador geral de Massachusetts, o Sr. Nathan T. Miller, declarou hoje que Sacco e Vanzetti serão executados na próxima semana. O Sr. Miller declarou que a execução dos dois anarquistas será feita na próxima semana, e que a execução será feita na próxima semana. O Sr. Miller declarou que a execução dos dois anarquistas será feita na próxima semana, e que a execução será feita na próxima semana.

Dentro de poucas horas será solucionado definitivamente o caso de Sacco e Vanzetti

OS ANARQUISTAS SACCO E VANZETTI

O governador Fuller assinou hoje a ordem de execução dos dois anarquistas Sacco e Vanzetti. A execução será feita na próxima semana. O governador Fuller assinou hoje a ordem de execução dos dois anarquistas Sacco e Vanzetti. A execução será feita na próxima semana.

Charge da *Careta* alusiva ao acidente aéreo que matou o piloto Paul Redfern, em 1927.





1



2



3



4



5



6



7

1 — Bartolomeo Vanzetti, condenado pela justiça de Massachusetts, e cuja execução provocou manifestações de protesto em quasi todo o mundo. 2 — Nicola Sacco, companheiro de Vanzetti na condenação à cadeira eléctrica. 3 — Em Paris: cortejo de protesto contra a deliberação do governador Fuller e da Corte de Justiça de Massachusetts. 4 — Em Londres: estado em que ficou a botaferrada de pelote da Embaixada dos Estados Unidos, esportada pelos que se revoltaram contra a condenação de Sacco e Vanzetti. 5 — A guarda da «Casa da Morte». O destacamento especial de policia de serviço na prisão de Boston, onde Sacco e Vanzetti estavam encarcerados, aguardando a execução. 6 — Lucia Vanzetti, irmã de jurisdicção de Boston, que foi ter aos Estados Unidos na esperança de obter o perdão de Bartolomeo Vanzetti. 7 — Em New-York: milhares de trabalhadores e residentes na Union Square, em protesto contra a condenação de Sacco e Vanzetti.

Reprodução



Capas de três publicações sobre o infortúnio dos dois italianos Nicolau Sacco e Bartolomeu Vazetti. Acima a primeira edição do livro *Sacco e Vanzetti – o protesto brasileiro*, de Clóvis Moura, publicado pela Editora Brasil Debates, em 1979. Abaixo os homônimos *A tragédia de Sacco e Vanzetti*: à esquerda de Francis Russel, pela Editora Civilização Brasileira, de 1967 – quando as execuções completaram 40 anos –; e a de Howard Fast, pela Coleção Romances do Povo, da Editorial Vitória publicado em 1955.

Reprodução

Reprodução





Reprodução

Nicola Sacco é conduzido por policiais e sua esposa, após uma sessão do julgamento.



Reprodução

Montagem feita pela imprensa estadunidense onde Sacco e Vanzetti estão presos numa cela.



Vanzetti e Sacco algemados a um policial em intervalo de uma das sessões do julgamento.

Sacco e Vanzetti, algemados e acompanhados por forte aparato policial, são conduzidos para uma sessão do julgamento.



Reprodução



Manifestação anarcossindicalista contra a execução de Sacco e Vanzetti, em Berlim. Performance de dois manifestantes vestidos de presidiários numa simulação de cela na carroceria de um caminhão.

Reprodução



Manifestação pela soltura de Sacco e Vanzetti em 31 de maio de 1921.





Protesto estadunidense contra a execução de Sacco e Vanzetti.

Braceira de manifestante faz alusão à execução de Sacco e Vanzetti com a morte da justiça estadunidense.



Reprodução



Uma das tantas manifestações por justiça a Sacco e Vanzetti, em Paris.

Reprodução



Manifestação contra a execução de Sacco e Vanzetti, nos EUA.

Manifestação em Paris um dia antes da execução de Sacco e Vanzetti.

Reprodução



Protesto a favor de Sacco e Vanzetti em Nova Jersey, s/d.





Reprodução

A poetisa lírica e dramaturga estadunidense Edna St. Vincent Mulla protestando contra a execução de Sacco e Vanzetti.



Rosa Sacco (esposa) e Luigia Vanzetti (irmã) após a última visita a Sacco e Vanzetti no presídio Charlestown em 22 de agosto de 1927.

Reprodução

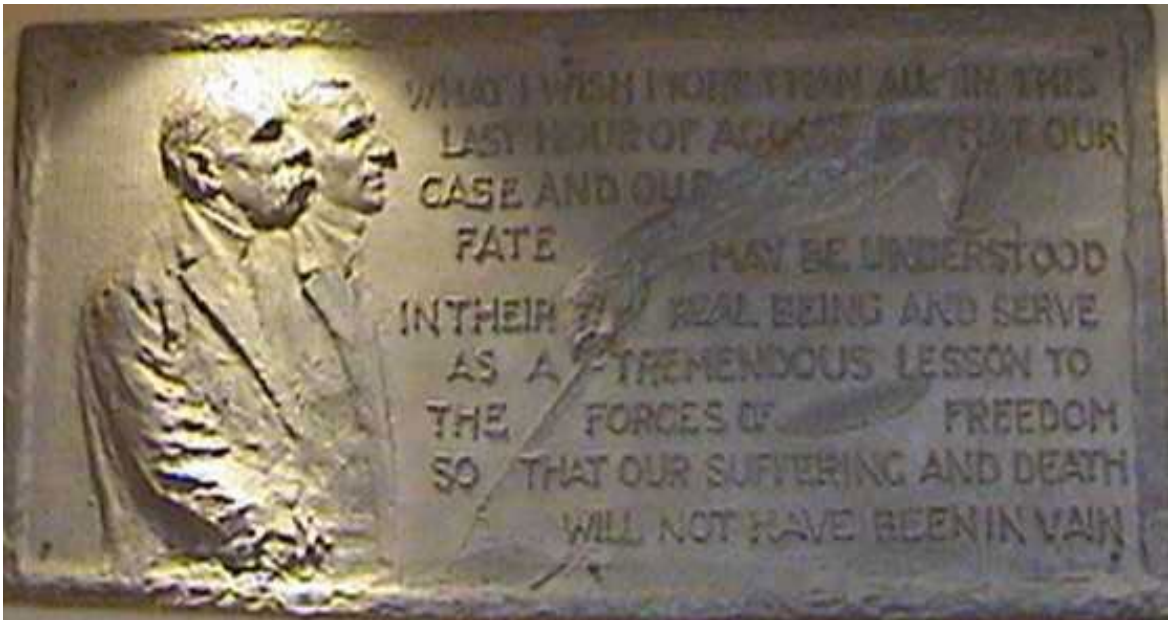


Manifestação pedindo justiça para Sacco e Vanzetti.

Reprodução



Cortejo fúnebre de Sacco e Vanzetti em Boston, 28 de agosto de 1927.



Placa de homenagem a Sacco e Vanzetti na Biblioteca Pública de Boston conta a história da luta contra o erro jurídico que acabou levando os dois italianos à execução.